



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**DAS TELAS PARA A HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL POR MEIO DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS**

ABIMAEI MOURA DE OLIVEIRA

**CAJAZEIRAS – PB
2023**

ABIMAEEL MOURA DE OLIVEIRA

DAS TELAS PARA A HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL POR MEIO DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho

CAJAZEIRAS – PB
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

O482d Oliveira, Abimael Moura de.
Das telas para história: uma análise da Segunda Guerra Mundial por meio das produções audiovisuais / Abimael Moura de Oliveira.– Cajazeiras, 2023.
62f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2023.

1. Segunda Guerra Mundial. 2. Adaptação. 3. Documentário. 4. Cinema.
5. Produção audiovisual – segunda guerra mundial. 6. Historiografia.
I. Silva Filho, Osmar Luiz da. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 94(100)“1939-1945”

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

ABIMAEEL MOURA DE OLIVEIRA

DAS TELAS PARA A HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL POR MEIO DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

APROVADO EM: 10 / 11 / 2023



Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho
Orientador



Prof^a. Dr^a. Rosilene Alves de Melo
Examinadora



Prof. Me. Francinaldo de Sousa Bandeira
Examinador

Prof. Dr. Matheus Maria Beltrame
Suplente

CAJAZEIRAS – PB
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Pai Celestial, por me conduzir durante toda a minha jornada acadêmica, permitindo-me conhecer novas pessoas, que contribuíram de modo significativo para a finalização desse importante ciclo da minha vida.

Agradeço aos meus pais, Rita Moura e Adão Alves, que nunca mediram esforços para assegurar os meus estudos, por todo o amor e os cuidados que sempre me ofereceram, onde quer que eu esteja.

Agradeço aos meus irmãos de sangue, Abel e Alisson, e a toda a minha família por todo o companheirismo, ajudas e conselhos de sempre.

Agradeço aos irmãos e às irmãs que a Universidade Federal de Campina Grande me deu: Aline Vieira, Antonio Marcos, Romário Monteiro, Marcus Vinícios, Jannara Alves, Emanuele Freire, Davi Rolim, Mayara Benevenuto e todos os outros colegas de turma ou de outros cursos que agregaram, de algum modo, na minha jornada universitária. Muito obrigado, vocês tornaram essa jornada mais leve e agradável.

Agradeço à minha família universitária, Vitória Moura, Abel Moura, Ana Catariana. Obrigado por todo o apoio, risadas e momentos descontraídos, os quais, sem dúvidas, jamais irei esquecer. Gratidão por todos os momentos que passamos juntos em Cajazeiras-PB.

Agradeço aos meus amigos da minha cidade de Paulista: Kaike Soares, Otácilio Marques, Layo França, Arthur Alves, Lucas Pereira, Sávio Monteiro, Kauan Dantas, Anderson Fernandes, Lukas Ramalho, Júnior França, Cleyton Moura, Emily Estefany, Sabrina Nóbrega, Gisele Monteiro, Helloysa Ferreira, Raphaella Ferreira, Talita Ramos e todos os outros que me apoiaram e com quem eu sempre pude contar em todos os momentos. Obrigado por todas as risadas, ensinamentos, companheirismo e momentos compartilhados que fortaleceram os nossos laços.

Agradeço a todos os professores e professoras que contribuíram e me inspiraram a buscar esse sonho. Em especial, agradeço a todos os meus amados colegas da E.E.E.F.M. Professora Margarida Medeiros, e a todos os professores da UFCG, por todos os ensinamentos e contribuições significativas para a minha carreira.

Gostaria de agradecer imensamente ao meu orientador, professor Osmar Luiz, por todos os conselhos, ensinamentos e por todo o zelo e disponibilidade que sempre ofereceu ao orientar a minha pesquisa. Por fim, agradeço a todos vocês que, de modo direto ou indireto, contribuíram com esse ciclo da minha vida. A minha eterna gratidão, dedico estas páginas a cada um de vocês.

"Que haja uma luz nos lugares mais escuros, quando todas as outras luzes se
apagarem."

J.R.R Tolkien

RESUMO

O presente trabalho busca abordar como os eventos da Segunda Guerra Mundial são representados por meio dos recursos audiovisuais existentes na indústria cinematográfica, a partir da análise de filmes e documentários produzidos por diretores, documentaristas e cineastas. Tendo isso em vista, busca-se como objetivo formular uma análise histórica dos eventos da Segunda Grande Guerra, e de como o historiador pode se apropriar dos recursos imagéticos como ferramentas de ofício, capazes de reafirmar e trazer novos olhares sobre a história do conflito. Sendo assim, o historiador segue por meio de fontes históricas recentes, dentro do arsenal historiográfico, reafirmando o uso da imagem e do cinema como ferramentas capazes de apresentar ou representar ideias a respeito dos fatos ocorridos durante o passado.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Adaptação; Documentário; Cinema.

ABSTRACT

This paper aims to address how the events of World War II are represented through audiovisual resources within the film industry, by analyzing movies and documentaries produced by directors, documentarians, and filmmakers. With this in mind, the objective is to formulate a historical analysis of the events of the Second World War and how historians can make use of visual resources as professional tools, capable of reaffirming and bringing new perspectives to the history of the conflict. Therefore, historians rely on recent historical sources within the historiographical arsenal, reaffirming the use of images and cinema as tools capable of presenting or representing ideas about the events that occurred in the past.

Keywords: World War II; Adaptation; Documentary; Cinema.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Os Irmãos Lumière: os inventores do cinema.....	29
Imagem 02 –Imagem da companhia Easy realizando um treinamento	33
Imagem 03 – Soldados da companhia Easy se preparando para saltar.....	36
Imagem 04 – Soldados americanos sendo recebidos pela população holandesa....	37
Imagem 05 – Professor Sönke Neitzel, no documentário “Grandes momentos da Segunda Guerra Mundial em cores” (2019).....	46
Imagem 06 – Tropas nazistas atuando na Segunda Guerra Mundial.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A SEGUNDA GRANDE GUERRA E O ENVOLVIMENTO BRASILEIRO	13
2.1 O início de um novo conflito global.....	13
2.2 O Brasil vai à guerra.....	17
2.3 Os Usos da imagem e da História.....	23
3 A REVOLUÇÃO NO CAMPO AUDIOVISUAL: AS REPRESENTAÇÕES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO CINEMA.....	27
3.1 O nascimento da sétima arte e a sua contribuição historiográfica	27
3.2 <i>Band of brothers</i> e a representação norte-americana na Segunda Guerra Mundial	32
4 ENTRE O CINEMA E A HISTÓRIA: MUDANÇAS DE ESCALA.....	42
4.1 A relação entre o cinema e o historiador	42
4.2 O Cinema e a escrita da história	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXOS.....	59

1 INTRODUÇÃO

Dentro da historiografia atual, o uso do cinema e das artes visuais se constitui uma ferramenta de estudo, que fornece apoio e material de pesquisa para a produção historiográfica. Desde a revolução documental, promovida pela escola francesa dos Annales, o cinema e as ferramentas e as produções imagéticas produzem ideias e ideologias, reforçando visões de mundo daqueles que produzem para aqueles que consomem seus conteúdos.

O cinema, desse modo, pode contribuir como uma ferramenta de análise e discussão referente a características, eventos e personagens de uma determinada época ou fato histórico. Dentro dessa perspectiva, um desses eventos retratados pelo cinema é a Segunda Guerra Mundial, conhecida até o atual momento como o maior e mais devastador conflito da história da humanidade, envolvendo, de modo direto ou indireto, praticamente todos os países do planeta, gerando impactos e consequências que se propagaram para além do seu encerramento.

Produções bibliográficas de historiadores, como Martim Gilbert e Erick Hobsbawn, retratam as conjunturas e as principais tensões ocasionadas por um fato histórico dessa magnitude, oferecendo abordagens dos movimentos internos e externos ocorridos no decorrer do conflito, bem como as principais características e informações dos personagens e nações envolvidas na grande guerra.

As produções fílmicas, que visam retratar fatos históricos, buscam produzir, por meio do uso da imagem, ideias formuladas ou adaptações dos acontecimentos e informações, que foram formulados ao longo da história, apresentando ao público personagens, imagens, ambientações e narrativas que apresentem características do evento que se quer mostrar.

A partir disso, o presente trabalho visa analisar, a partir de conceitos como “imagem”, “adaptação” e “ideologia”, como as ideias e as informações existentes sobre a Segunda Guerra Mundial são construídas através do cinema e dos recursos audiovisuais, e como o historiador pode analisar, questionar e se apropriar dessa fonte ao construir um conhecimento histórico sólido.

A metodologia de escrita deste trabalho desenvolve-se a partir do diálogo entre a análise de produções audiovisuais, como filmes, séries e documentários referentes à Segunda Guerra Mundial, e as produções bibliográficas acerca do

conflito, bem como de leituras e reflexões a respeito do cinema e da escrita da história do conflito.

No primeiro capítulo, intitulado **A Segunda Grande Guerra e o envolvimento brasileiro**, é proposta uma análise e descrição do contexto histórico geral da Segunda Guerra Mundial, apresentando os eventos que levaram à eclosão do conflito até a formulação dos blocos adversários, dando ênfase a chegada e atuação dos brasileiros na guerra, e de como essa atuação é retratada através do cinema e suas produções.

No Segundo capítulo, intitulado **A Revolução da sétima arte: as representações da Segunda Guerra Mundial no cinema**, há uma reflexão acerca da origem do cinema como arte visual e parte de uma indústria bem-sucedida, apresentando como a indústria cinematográfica norte-americana se sobressai, exaltando a construção da imagem americana por meio de representações e adaptações de informações e depoimentos de combatentes através da análise de produções cinematográficas como a série “Band of brothers”.

O terceiro capítulo, intitulado **Entre o cinema e a história: mudanças de escala**, propõe-se uma discussão a respeito do surgimento e da importância do historiador como um dos personagens do cinema, destacando a atuação de pesquisadores e especialistas da Segunda Guerra Mundial dentro de produções que possuem esse eixo temático. É possível observar que o historiador surge como um complemento para as imagens e as ambientações do cinema, através de sua presença em produções não fictícias como o cinema documentário, e de como o historiador pode suprir as ausências e equívocos produzidos através da imagem.

2 A SEGUNDA GRANDE GUERRA E O ENVOLVIMENTO BRASILEIRO

2.1 O início de um novo conflito global

No início de setembro de 1939, o planeta voltava a presenciar um período de crescentes hostilidades, que se estendeu até o ano de 1945 quando o império japonês se rendeu incondicionalmente às potências aliadas. Esse período, que na teoria teria durado quase seis anos, na verdade, emergiu como fruto dos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que contou com grande parte das nações que se envolveram direta ou indiretamente na Segunda Grande Guerra. De acordo com o historiador Erick Hobsbawm (1994), as duas guerras mundiais, que se fizeram presentes no século XX, na verdade, constituíam apenas um grande conflito, tendo em vista que os desdobramentos e as consequências da primeira guerra teriam levado ao surgimento da segunda, definindo o século XX como uma era da catástrofe, marcado pelo desenvolvimento e pelas consequências dos embates entre as superpotências mundiais.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, no ano de 1918, foi assinado pelas potências vitoriosas o chamado tratado de Versalhes, que trazia severas punições à nação alemã, sendo considerada pelos vencedores como a principal responsável pelo início do conflito:

No tratado de Versalhes os termos impostos à Alemanha incluíam, além da indenização pelos prejuízos causados durante a guerra aos países da Tríplice Entente (aliança entre Reino Unido, França e império Russo), a perda de uma parte de seu território para nações fronteiriças, de todas as colônias sobre os oceanos e sobre o continente africano. A Alemanha também ficou obrigada a renunciar a todos os seus grandes navios de carga e entregar suas principais minas de carvão. Recursos financeiros e bens particulares e privados de cidadãos alemães em outros países foram confiscados, o que nunca havia sido feito em nenhum outro tratado internacional anterior. O tratado de Versalhes obrigou a Alemanha a entrar no túnel do tempo e retroceder ao tomar dela suas três principais fontes de riqueza: a indústria metalúrgica associada à exploração de ferro e do carvão, o comércio externo e o sistema de transporte (Porto; Silva, 2019, p. 4).

Impossibilitada de investir nas suas forças armadas, e com a sua economia praticamente estagnada, a Alemanha estava à beira do colapso. A grave crise vivenciada pelo povo alemão acabou se agravando ainda mais com a grande

depressão de 1929, com a quebra da bolsa de valores de Nova York, o que aumentou a inflação, a miséria e o desemprego, deixando a população do país fragilizada. Tais acontecimentos fizeram o povo germânico se sentir cada vez mais insultado pelas imposições destacadas pelo tratado de Versalhes, o que acabou colaborando para a chegada de Hitler ao poder, personagem austríaco de nascença, mas que, desde jovem, passou a defender a Alemanha, tendo sido combatente na Primeira Grande Guerra. Tendo isso em vista, Hitler, posteriormente, pôde propagar os seus ideais totalitários e eugenistas no poder, como Chanceler e ditador, passando a representar os interesses e a própria ideologia do partido nazista alemão, sendo conhecido e mencionado pela História como um dos principais responsáveis por uma das maiores atrocidades já vistas, pela carnificina de milhares de militares e civis, e pela perseguição e holocausto da população judaica.

A Segunda Guerra Mundial se mostrou como um evento drasticamente mais violento e impactante do que a Primeira Grande Guerra. O conflito foi marcado por atos de extrema crueldade e barbaridade, com o surgimento dos campos de concentração e pela grande destruição ocasionada pelos armamentos nucleares, tidos como grandes novidades da nova guerra que se iniciava. Os impactos suscitados por esse momento histórico marcariam profundamente as futuras gerações.

Assim como é descrito pelo historiador Osvaldo Coggiola (2016), a Segunda Guerra Mundial seria caracterizada pela contenda entre os antigos impérios coloniais, como França e Inglaterra, e os países imperialistas atrasados, como Alemanha e Itália, que posteriormente contariam com líderes autoritários à frente das suas nações. A segunda guerra foi um combate que acabou transcendendo o campo militar, constituindo-se em um confronto entre doutrinas e modos de governo divergentes, pondo frente a frente as democracias liberais e comunistas contra o autoritarismo fascista, que passaria a se combater até o fim do conflito:

O fascismo traz em sua ideologia conceitos e procedimentos que naturalmente dissemina a ideia de guerra. Inicialmente o fascismo rejeita totalmente a sociedade liberal do século XIX, inspirada pela “filosofia das luzes”. Ele não crê que os homens sejam iguais, nem que o homem seja naturalmente bom. Condena os filósofos iluministas e o positivismo, o que gera algumas rejeições, como a rejeição da democracia, do individualismo, da sociedade liberal, do culto a razão, combate o socialismo marxista e censura a liberdade econômica (Gondim, 2004, p. 7).

Os regimes totalitários como o nazismo alemão e o fascismo italiano possuíam uma ideologia de caráter imperialista e expansionista. Juntamente com o império japonês, que exercia grande influência no extremo oriente, foram nações famosas por compor o chamado bloco do Eixo, responsáveis por dar início às agressões que geraram a segunda guerra, devido à insatisfação e aos sentimentos de revolta que surgiram no período pós-Primeira Guerra Mundial. No ano de 1931, o Japão invade a Manchúria, dando início ao seu processo de expansão pelo oriente, enquanto a Itália se concentra na África, invadindo a Etiópia em 1935 e, posteriormente, também se voltando para regiões da Europa com a invasão da Albânia pelo exército de Benito Mussolini.

Em 1933, Adolf Hitler, que já havia sido nomeado para a chancelaria pelo então presidente alemão Hindenburg, assume o poder após a morte deste, dando início a uma grande série de medidas que visavam a transformar e a revitalizar as forças militares e econômicas do país. Hitler passava a assumir o poder de forma plena, tendo totais condições de violar a constituição nacional. O *Führer* passou a ser visualizado por grande parte da população alemã como a solução para os graves problemas do país, oferecendo empregos, reconstituindo o exército da Alemanha e reestabelecendo o serviço militar obrigatório, de modo a fazer que milhares de homens passassem a adentrar nas forças armadas, seduzidos por uma oportunidade de trabalho e de um salário que parecia algo distante, tendo em vista a grave crise em que se encontrava o país.

O exército alemão, que estava totalmente reduzido após as cláusulas exigidas pelo tratado de Versalhes, passou novamente a ganhar forma, crescendo de modo desenfreado, chegando a somar mais de um milhão de homens até 1932. Nesse momento, o país continuou investindo fortemente na indústria bélica, buscando rearmar a Alemanha, novamente. Reestruturar o exército alemão não foi a única medida realizada por Adolf Hitler: o líder nazista possuía grandes ambições no sentido de expandir as fronteiras do país.

A ideia de Hitler era marchar sobre a Europa, buscando expandir o território germânico, de modo a ocupar primeiramente a região da Renânia e, em 1938, ordenar a invasão alemã da Áustria, terra natal do líder nazista, que acaba sendo anexada ao território alemão. Hitler utilizava a justificativa de que era necessário reunir todo o povo germânico em uma única grande nação que abrigasse a “raça superior” ariana.

Após as primeiras invasões, os nazistas agora voltavam o seu olhar para a região dos Sudetos da antiga Tchecoslováquia, que possuía boa parte de sua população de origem germânica. Mesmo com o descumprimento do tratado de Versalhes, as potências ocidentais ainda seguiam defendendo uma política de apaziguamento, que chegou ao seu ponto máximo com a chamada conferência de Munique, em 1938, que determinava que a Alemanha teria a sua reivindicação atendida, assegurando a anexação da região dos Sudetos, onde Inglaterra e França acreditavam que resolveriam a situação de forma pacífica, assegurando a paz no cenário global.

As aspirações de Adolf Hitler, no entanto, não cessariam, uma vez que o líder nazista acabou descumprindo o acordo estabelecido em Munique, invadindo em 1939 o restante do território da Tchecoslováquia e, em seguida, planejando a invasão da Polônia. A ideia de Hitler era estabelecer um acordo com os russos, conhecido posteriormente como pacto Germano-Russo, que determinava a divisão do território polonês entre as duas nações, assegurando, desse modo, a neutralidade soviética, país que possuía grande influência na região.

No dia primeiro do mês de setembro de 1939, a Alemanha Hitlerista invade o território da Polônia por meio de uma nova tática de guerra que ficaria conhecida como *Blitzkrieg*, ou guerra relâmpago. Tal tática se constituía como um ataque surpresa, em que as forças aéreas da Luftwaffe, em conjunto com as divisões terrestres Panzer, atacavam simultaneamente áreas estratégicas como ferrovias e rodovias. O exército polonês acabou sendo rapidamente derrotado. De acordo com o historiador Martin Gilbert (2019), cerca de 170 mil soldados foram feitos prisioneiros, aldeias e cidades foram brutalmente bombardeadas e se iniciava no país o programa de extermínio racial da população judaica.

Após as agressões ao território polonês, o Reino Unido juntamente com a França declaram, no dia 3 de setembro de 1939, estado de guerra contra a Alemanha, que passa a contar com o apoio da Itália fascista de Benito Mussolini e do império japonês. Iniciava-se, assim, a Segunda Guerra Mundial, polarizada entre dois grandes blocos, os Aliados e o Eixo, encabeçados pelas grandes potências acima mencionadas, arrastando muitas outras nações que participaram de forma direta ou indireta. O conflito atingi proporções globais, afetando de algum modo todos os continentes do planeta Terra. Sobretudo, marca profundamente a

população envolvida nele, seja ela militar ou civil, impactando as futuras gerações e marcando historicamente o século XX.

2.2 O Brasil vai à guerra

Os conflitos iniciais da Segunda Guerra Mundial se concentraram no velho continente europeu, mas não tardariam a se expandir para outras áreas do planeta. Desse modo, o envolvimento brasileiro no maior conflito armado da história humana se deu a partir das agressões realizadas pelo bloco do eixo ao território americano. O ataque realizado pelos japoneses à base norte-americana de Pearl Harbor, no Hawaí, em 1941, levaram os Estados Unidos a declararem estado de beligerância contra as potências adversárias. Tal acontecimento acabou pesando de modo significativo para a entrada brasileira na Segunda Guerra Mundial, tendo em vista a vasta influência que os norte-americanos exerciam no continente, cobrando apoio e posicionamento das demais nações americanas.

Com a chamada conferência dos Chanceleres, ocorrida em janeiro de 1942, na cidade do Rio de Janeiro, encabeçada pelos Estados Unidos, o Brasil acabou optando por romper as suas relações com os países do eixo. Sendo assim, mesmo após recentemente ter estabelecido laços comerciais com a Alemanha, O Brasil rompeu laços com o país, com o qual também se assemelhava politicamente, tendo em vista que o Brasil da época ainda vivenciava o chamado Estado Novo, sob a liderança ditatorial de Getúlio Vargas.

O Estado Novo Varguista, que se iniciou em 1937, era marcado pela centralização do poder nas mãos de um único líder, que seria o então presidente Getúlio Vargas. As medidas empreendidas pelo presidente transformaram profundamente a política e a economia brasileiras por meio de um governo rígido, autoritário e nacionalista. Vargas iniciou o Estado Novo fechando o Congresso Nacional, o que lhe atribuiu plenos poderes para governar o país de acordo com os seus ideais. Durante esse período, muitos opositores e comunistas sofreram severas perseguições a partir da criação de comissões como a comissão de repressão ao comunismo, além do tribunal de segurança nacional. Vargas também cassou liberais e democratas e iniciou uma ferrenha luta contra os regionalismos a fim de assegurar a sua posição de líder centralizador.

Assim como ocorria no regime nazista alemão, o governo do Estado Novo se apoiou fortemente no uso da propaganda, principalmente por meio da criação do departamento de imprensa e propaganda (DIP), órgão que teve total controle sobre os meios de comunicação, assegurando a propagação dos ideais nacionalistas do governo de Getúlio Vargas:

Através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em dezembro de 1939, o Estado institucionalizou a censura sobre os meios de comunicação, que já acontecia antes. Dividido em vários setores, como Divulgação, Radiodifusão, Cinema, Teatro, Turismo, Imprensa e Serviços Auxiliares, esse departamento promovia, também, a propaganda do governo. Além de censurar programas de rádio, peças de teatro e artigos de jornais, o DIP organizava e patrocinava manifestações cívicas e festas populares com o intuito patriótico (Henriques Neto, 2008, p. 4).

O departamento de imprensa e propaganda acabou servindo como um dos mecanismos utilizados pelo governo do Estado Novo para propagar seus ideais nacionalistas. Dessa forma, buscou reforçar no público brasileiro a ideia de que o governo estabelecido por Vargas era necessário, e que o modelo de governo adotado pela nação era o ideal para assegurar a ordem e a integridade do país.

O DIP não foi a única base de difusão e apoio do governo Varguista, uma outra ferramenta de extrema importância foi a denominada revista cultura política. A revista se apoiava na produção de pensadores e intelectuais como Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Francisco Campos e Almir de Andrade, pensadores que defendiam a instalação e permanência do Estado Novo, apontando esse modo de governo como o ideal para assegurar a soberania nacional.

A justificativa para a instalação do Estado Novo defendida por Oliveira Vianna seria a de salvar o país da fragmentação regionalista. Para ele, a soberania nacional só seria mantida através da implementação de um governo forte e centralizador, liderado por um líder capaz de assegurar e conduzir os interesses da nação. Nesse sentido, esse líder conduziria a nação rumo à sua soberania, assegurando a sua unidade, combatendo os interesses regionais que eram tão presentes na República Velha.

Assim, como é descrito pela historiadora Fernanda dos Santos Bonet (2010), o intelectual Francisco Campos também era um empenhado defensor do Estado Novo estabelecido por Getúlio Vargas. Para Campos era necessário haver uma intervenção do Estado no meio social, pois, de acordo com esse pensador:

O Estado Novo possuía uma constituição popular onde o Estado e o povo caminhariam lado a lado, mediados pela liderança e intervenção de um líder que tinha o papel de proteger e garantir a igualdade e a segurança de sua nação (Bonet, 2010, p. 24.).

O governo de Vargas era fortemente apoiado por esses departamentos, órgãos e pensadores que enxergavam no Estado Novo a possibilidade de assegurar um lugar de destaque para a nação no cenário internacional, levando-a ao progresso e assegurando a sua soberania. Por essas razões, a figura de Vargas era exaltada e construída, nesse período, como a de um líder benevolente, como um verdadeiro pai para os brasileiros, demonstrando, desse modo, a forma como o governo passou a construir a sua legitimidade.

Uma das principais características do governo Vargas foi a constituição das indústrias de base, buscando assegurar o crescimento industrial e econômico brasileiro, de modo que o país pudesse se inserir no sistema capitalista internacional. Desse modo, foram estabelecidos acordos com os Estados Unidos, que temiam que a semelhança política do Brasil com os países do eixo causasse uma aproximação entre as potências, o que levou os norte-americanos a realizar uma “política de boa vizinhança”. Tal política buscava fortalecer os laços entre as nações vizinhas americanas por meio de manifestações políticas, artísticas e culturais, tendo como exemplo a criação do papagaio Zé Carioca, personagem brasileiro eternizado pelo produtor de desenhos animados Walt Disney, demonstrando a preocupação americana em estabelecer uma relação amistosa entre as duas nações.

Uma das principais ideias defendidas por Getúlio Vargas era a de modernizar o exército brasileiro, o que levou o ditador a se aproveitar da política de aproximação implementada pelos norte-americanos, levando Brasil e Estados Unidos a formalizarem no ano de 1941 um acordo que determinava o financiamento americano para a construção de uma Usina Siderúrgica no território brasileiro. O país receberia apoio financeiro e em troca cederia alguns produtos naturais estratégicos aos países aliados, principalmente produtos agrícolas e borracha, além de permitir a construção de bases militares no nordeste brasileiro, zona geograficamente estratégica, pois servia como um trampolim para os campos de

batalha na Europa e no continente Africano, o que facilitaria a mobilização e o transporte de suprimentos para as tropas aliadas.

A posição estabelecida pelos brasileiros rapidamente gerou uma reação por parte do Eixo, de modo que, a partir do início de 1942, a Alemanha realizou uma maciça campanha no oceano Atlântico, mobilizando os seus submarinos para torpedear a costa brasileira, visando atacar os navios mercantes que transportavam recursos para a frente de batalha aliada. A zona que acabou sendo mais afetada foi a do nordeste do país, onde várias embarcações teriam sido afundadas pelos torpedeamentos, culminando em centenas de mortes.

Esses acontecimentos geraram grande revolta e comoção entre a população nacional. A partir disso, o Brasil se tornou palco de crescentes ondas de protestos e manifestações sociais, que mobilizavam a população revoltada, principalmente contando com a atuação do movimento estudantil, que passava a exigir a declaração de guerra como resposta às hostilidades realizadas pelo Eixo. Após os ataques empreendidos pelos nazistas e as crescentes pressões populares, o Brasil acaba optando por declarar estado de guerra às potências do Eixo, formalizando, por meio de um decreto, a declaração de guerra no final de agosto de 1942.

A ideia do Brasil não era a de oferecer apoio aos Aliados apenas por meio da mobilização dos seus recursos naturais, o país também desejava atuar dentro dos campos de batalha. A partir dessa mentalidade, foi fundada, em agosto de 1943, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que acabou se incorporando ao V exército americano, servindo como uma das bases de apoio dos exércitos aliados no combate ao fascismo. Diante disso, a composição da FEB se constituiu como uma das principais preocupações e prioridades do governo, na medida em que era necessário iniciar o recrutamento para mobilizar o país até os campos de batalha.

O recrutamento se mostrou como uma das etapas mais problemáticas para a composição da Força Expedicionária Brasileira. Por a seleção ser feita de um modo amplamente criterioso, grande parte da população brasileira parecia não atender aos critérios delimitados pelos Aliados, seja pela questão de altura e peso, seja pela questão da dentição. Para além desses fatores, o grau de escolaridade e a taxa de analfabetismo também foram um problema para a constituição do conjunto expedicionário, tendo em vista que era necessário algum grau de conhecimento para tratar dos novos veículos mecanizados. Também eram necessários conhecimentos

para a área da saúde, visto que um certo grau de instrução melhoraria o aproveitamento e as atuações individual e coletiva das forças armadas.

A Força Expedicionária Brasileira acabou contando com cerca de 25 mil homens, divididos em cinco escalões. A FEB era composta principalmente por indivíduos jovens, trabalhadores rurais e urbanos, com um expressivo número de indivíduos das camadas populares, os quais, na ampla maioria das vezes, não possuíam ligação alguma com o exército ou com as forças armadas nacionais, não possuindo experiência em conflitos ou no campo de batalha. Desse modo, a Segunda Guerra Mundial se mostrava como o maior e mais complexo desafio de suas vidas.

Vale lembrar que o Brasil, historicamente, é descrito por muitos como uma nação pacífica, onde o último grande conflito, que contou com uma ampla mobilização dos brasileiros, teria sido a Guerra do Paraguai, em 1865. A população brasileira, portanto, não estava familiarizada com grandes conflitos, possuindo pouca experiência dentro dessas situações, reforçando que a Segunda Guerra Mundial se mostrou como uma etapa totalmente nova e desafiadora para a nação e para os seus integrantes.

A composição e o recrutamento do conjunto expedicionário brasileiro acabaram concentrando e reunindo homens de todo o país, desde personagens convocados, que já possuíam ligações com as forças armadas, até uma parcela de civis voluntários. A Força Expedicionária Brasileira contava não apenas com personagens que tinham a exclusiva função de combater, mas também com toda uma equipe de apoio, que desenvolvia as mais variadas funções. Entre essa equipe de apoio, podem ser destacados os médicos e os enfermeiros, os capelães, que possuíam uma função de motivação religiosa, além de funcionários do Banco do Brasil e demais empregados do governo, que tinham como função oferecer suporte aos combatentes, o que os levou para uma etapa de preparação para os desafios e para as exigências do conflito.

Assim como é descrito pelo historiador Paulo Moreira Franco Custódio (2019), a falta de especialização era um problema que visava ser combatido pelo governo. Para suprir essa carência, o governo passou a oferecer cursos de formação e instrução especializada, a fim de formar novos motoristas, mecânicos de viaturas, enfermeiros, operadores, mecânicos de rádio, telegrafistas, telefonistas, cozinheiros e outros (Custódio, 2019).

A equipe de apoio da Divisão Expedicionária não era a única parte do conjunto da FEB que passaria por todo um processo de instrução e adaptação antes de entrar nos campos de batalha. Os combatentes seriam aqueles que precisariam de uma instrução e uma preparação ainda mais delicada, tendo em vista que o próprio exército brasileiro acabaria substituindo a sua doutrina militar, que seguia até então o modelo francês, modelo bastante habituado com a repressão de ameaças e conflitos internos e de proteção das fronteiras do país. Tal modelo ainda oferecia armamentos antiquados e atrasados para um conflito modernizado, que contava com grandes potências bélicas e econômicas. Por esses motivos, os brasileiros, após firmarem o seu compromisso com o bloco Aliado, passaram a adotar a doutrina e o modelo militar americano. Sendo assim, os EUA se comprometeriam a armar a Força Expedicionária Brasileira, com armamentos modernos daquela geração.

As principais lideranças da Força Expedicionária Brasileira, como o ministro da Guerra o general Eurico Gaspar Dutra e o líder do conjunto expedicionário general Mascarenhas de Moraes, realizaram viagens até os Estados Unidos a fim de participar de cursos de preparação e adaptação às táticas e à doutrina de guerra norte-americana. Lá, eles também tiveram a oportunidade de se deslocarem até os campos de batalha na África e no continente europeu, o que os possibilitou a terem os primeiros contatos e impressões sobre a nova guerra que o Brasil passaria a enfrentar juntamente com os demais membros da coalisão aliada.

Após as primeiras instruções teóricas, o treinamento prático da FEB se iniciou em território brasileiro, principalmente com a finalidade de adaptação ao novo modelo militar empregado. Os principais treinamentos realizados eram exercícios de marchas, tiro ao alvo, contando com os novos armamentos adquiridos, e simulações de avanço em campos minados. A maior parte desses treinamentos e processos de preparação ocorria no Rio de Janeiro. Entretanto, o treinamento realizado no Brasil ainda é descrito por muitos estudiosos da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial como um treinamento muito básico e superficial, na medida em que uma considerável parcela das tropas expedicionárias chegou até o campo de batalha muito despreparada, enfrentando grandes dificuldades e desafios durante a campanha.

A FEB estava formada e, no ano de 1943, finalmente decidiu-se que os campos de batalha da Itália, nas operações ocorridas na região do mediterrâneo, seria o destino dos brasileiros. As forças nacionais contavam com divisões de

artilharia, forças aéreas, aquáticas e terrestres, companhias de transmissão, pelotão de sepultamento, um pelotão de polícia militar e uma banda de música (Rodrigues, 2019). A FEB e os seus cinco escalões foram transportados para a Itália por meio do auxílio da marinha de guerra norte-americana, que utilizou alguns de seus navios para levar os brasileiros até os campos de batalha, entre os anos de 1944 e 1945, período em que os brasileiros estiveram em ação durante a Segunda Guerra Mundial. Inicia-se, assim, uma etapa marcante da história do país, momento em que os soldados e membros da força expedicionária passariam por um período de constantes dificuldades, as quais ficariam profundamente marcadas na memória de todos aqueles que vivenciaram e atuaram de modo direto ou indireto no conflito.

O nascimento e a preparação da Força Expedicionária Brasileira podem ser compreendidos como uma etapa importante e de destaque da história militar do Brasil, pois apontou o país como a única potência sul-americana a mobilizar as suas forças armadas para combater o regime nazista no continente europeu. Essa medida contou com um apoio maciço das camadas populares, trazendo impactos para personagens das mais diversas regiões do país. Mesmo aqueles que visualizavam a guerra como algo totalmente distante de sua realidade, indivíduos que nunca seguraram uma arma, e que se quer sabiam contra quem estariam lutando, tiveram as suas vidas transformadas pela Segunda Guerra Mundial.

2.3 Os Usos da imagem e da História

Como já foi apontado anteriormente, grupos políticos ou demais instituições sociais possuem a capacidade de utilizarem-se da mídia e dos meios imagéticos para disseminar suas ideias e ideologias de mundo. Dentro dessa perspectiva, o cinema se apresenta como uma dessas ferramentas. Tratando-se de uma indústria visual bem-sucedida na atualidade, eventos como a atuação brasileira na Segunda Guerra Mundial podem reforçar imagens e criar ideais da participação de suas tropas durante o conflito, adaptando ou criando ideias do passado através do uso das imagens.

As produções cinematográficas brasileiras certamente não recebem a mesma audiência nem o mesmo investimento das superproduções norte-americanas. No que diz respeito a filmes e séries referentes à participação do Brasil na Segunda

Guerra Mundial, as produções parecem ainda mais escassas, de modo a ser um tema pouco explorado dentro da indústria audiovisual brasileira.

Uma das pequenas e curtas adaptações a respeito da temática é a websérie “Heróis”, dirigida por Guto Aeraphe no ano de 2011, disponibilizada pela plataforma audiovisual *YouTube*. A produção é dividida em cinco pequenas partes, que juntas chegam a ter, aproximadamente, 30 minutos de cenas. O curta-metragem se baseia em personagens e em acontecimentos reais, apresentando ao público a campanha da batalha de Montese, na Itália, retratando o envolvimento de um pequeno grupo de soldados de Minas Gerais em um dos eventos mais marcantes do Brasil no período do conflito.

A produção destaca, em suas cenas iniciais, as patrulhas da Força Expedicionária Brasileira sendo pegas de surpresa pelas forças alemãs, em Montese, vários soldados foram mortos e feridos diante das metralhadoras germânicas. Os alemães são construídos como inimigos totalmente impiedosos, que não dão chances aos médicos que buscam prestar auxílio aos companheiros caídos, trazendo várias baixas às forças brasileiras. Por meio da fala de alguns personagens, é possível visualizar o grau de dificuldades encontradas pelas tropas brasileiras no conflito:

Estamos perdidos, não faço ideia de onde a gente tá, nem pra onde a gente tem que ir. A gente precisa achar a estrada, tá escuro e tá fazendo muito frio. A gente precisa achar qualquer coisa pra passar a noite (43min-56 min).

A estranheza e as condições enfrentadas pelas tropas brasileiras foram árduas e variadas, o frio vivenciado pelos soldados foi um fator de extrema dificuldade, tendo em vista que os combatentes não eram habituados às baixas temperaturas europeias. Além disso, a falta de conhecimento da geografia local foi um outro fator que colaborou para a lenta locomoção das tropas diante do território montanhoso da região de Montese, colaborando para o número de baixas durante a batalha.

Em uma fala do sargento, e em diálogos seguintes da segunda parte da produção, outras questões pertinentes podem ser observadas:

Sargento: A gente tá aqui para ajudar a dar um jeito nessa bagunça que tá o mundo. Sabe o que você tá fazendo aqui não, Arlindo? A primeira guarda é sua (4min).

Soldado 1: Fiquei a noite toda pensando no que o sargento falou, nós estamos aqui para organizar essa bagunça que a guerra tá deixando no mundo(5min).

Soldado 2: Eu não sei, não, negão. A coisa tá feia pra todo lado, rapaz. Já perceberam do jeito que os americanos ficam olhando pra gente, né? (5min).

Soldado 1: E tem a tal da democracia. A gente não tem isso lá no Brasil. Só sei que a cobra tá fumando mais pro nosso lado do que pro deles (05min).

Os diálogos reforçam outras situações que merecem uma discussão, na medida em que muitos soldados brasileiros chegaram à Segunda Guerra Mundial sem saber contra quem lutariam e por qual objetivo lutariam uma guerra que parecia totalmente distante de personagens como os combatentes representados na série. Muitos combatentes entendiam que seus papéis não seriam de protagonismo, mas como uma força expedicionária de apoio. A luta pela manutenção da democracia e da liberdade no velho continente era entendida por alguns personagens como algo totalmente contraditório, tendo em vista que os brasileiros enviados para lutar contra os governos totalitários eram governados praticamente da mesma forma pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, que reprimia as liberdades individuais e censurava qualquer manifestação contrária ao governo.

Outras sequências de cenas também devem ser observadas com atenção, pois em uma das cenas da quarta parte da websérie ocorre o assassinato de um dos soldados do grupo, que acaba sendo abatido por um soldado do exército alemão. É interessante notar que, na verdade, esse soldado alemão também possuía nacionalidade brasileira, de acordo com o diálogo estabelecido entre os personagens:

Nazista: Não, eu não queria, foi tudo tão rápido.

Brasileiro: Ave Maria, o desgraçado fala português, fala até muito bem.

Nazista: Eu não sou alemão, eu sou brasileiro, meus pais são alemães, nós morávamos no Sul. Hitler convocou todos os alemães que moravam fora. Os dois perderam muito durante a primeira guerra, e eles me obrigaram a entrar no exército do *Führer* (02min).

O trecho reforça outras situações que podem ser discutidas no âmbito do conflito, algumas características presentes nas tendências expansionistas e imperialistas do regime nazista, que visava concretizar ideais como a reunião de toda a “Raça Ariana” em torno de uma grande nação, convocando todos os homens

disponíveis para as ações militares e expansivas do nazismo. A produção da série retrata os pracinhas brasileiros como heróis que tombaram em território italiano. Soldados que foram construídos como homens bravos e justos mesmo diante dos inimigos, que possuíam muita fé em Deus e que seguiam lutando mesmo em menor número e nas mais degradáveis situações. Soldados que se sacrificaram em nome da liberdade.

A direção, em parceria com o ministério das forças armadas, teve a intenção de construir uma imagem heroica dos membros da Força Expedicionária Brasileira por meio do uso dos recursos audiovisuais. Trata-se, portanto, da construção de novos heróis nacionais modelados através de plataformas e tecnologias que adaptam as histórias e os relatos destacados pelos febianos verdadeiros, colaborando para a construção e a manutenção de uma memória coletiva a respeito de tais personagens.

3 A REVOLUÇÃO NO CAMPO AUDIOVISUAL: AS REPRESENTAÇÕES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO CINEMA

3.1 O nascimento da sétima arte e a sua contribuição historiográfica

Falar do cinema na atualidade seria retratar uma rica e bem-sucedida indústria do mundo contemporâneo, uma arte que acaba levando milhares de pessoas de todos os espaços e idades a imaginarem quase que involuntariamente grandes produções, atores e atrizes que marcaram gerações, grandes sucessos de bilheteria dos mais variados gêneros que, mesmo com o passar do tempo, seguem aclamados pela população. Querendo ou não, o cinema se tornou muito mais do que uma fonte de entretenimento, pois está associado diretamente a uma ideologia ou a uma visão de mundo, partindo das mensagens e das intenções que os seus agentes de produção desejam transmitir para o público.

As produções fílmicas, mesmo que não possam apresentar uma história autêntica e totalmente verdadeira de um determinado fato histórico, podem servir como uma base comparativa de análise. Esse entendimento se deu a partir da Escola Francesa dos Annales, com historiadores pioneiros que se propuseram a pensar as ferramentas imagéticas como parte do arsenal que poderia ser utilizado à disposição do conhecimento histórico. Entre esses historiadores pioneiros, o nome de Marc Ferro ganha destaque como uma das principais referências no estudo e na análise cinematográfica como fonte de pesquisa histórica:

São os pressupostos dos Annales e da Nova História com suas propostas de uma História das mentalidades, seu interesse pelo material, o cotidiano, uma História crítica em relação aos documentos, interdisciplinar nas abordagens e com novos objetos que permitem a Ferro introduzir o cinema como documento para evitar o controle de informação e consequentemente o controle sobre a História que se produzia (Schwarzman, 2013, p. 192).

Com Ferro e os Annales, o campo historiográfico da documentação foi amplamente potencializado, uma vez que as noções tradicionais de fontes documentais escritas, que por um vasto período acabou abarcando uma classe dominante, abriu lentamente espaço para outras discussões e outros personagens que possivelmente corriam o risco de seguir negligenciados e à margem, como, por

exemplo, o uso da documentação cinematográfica como fonte de investigação. Marc Ferro enxergava as produções audiovisuais como mecanismos capazes de acionar memórias, pois o historiador trabalharia a partir de uma documentação visual que serviria como uma base de comparação em relação à documentação tradicional. Desse modo, o material cinematográfico poderia reafirmar ou apresentar uma versão diferente da de um determinado fato, cabendo ao pesquisador utilizar uma interpretação crítica das fontes que ele tem em mãos para chegar ao mais próximo da realidade vivenciada pelos homens no passado.

O cinema, para além do entretenimento, pode ser compreendido como um veículo de transmissão de ideologias, tendo como grande expoente o uso da propaganda na disseminação de uma consciência ou ideal de vida. Ao longo do tempo, vários governos e doutrinas políticas utilizaram-se das produções audiovisuais cinematográficas como uma fonte de transmissão e de legitimação de poder. A Alemanha hitlerista disseminava ideais eugenistas por meio do ministério da propaganda, encabeçado por Joseph Goebbels. O cinema nacional alemão estava praticamente a serviço de um regime político totalitário, que controlava a imprensa de acordo com os seus ditames.

No caso do Brasil, o cinema, em vários períodos, também passou a ser controlado pelo Estado. No governo Vargas, o departamento de imprensa e propaganda colaborava para a construção de uma identidade nacional patriótica, construindo a imagem de um presidente benevolente, ao mesmo tempo em que censurava todas as demais produções ligadas a oposições ao governo, bem como a partidos políticos adversários. O Estado Novo não dava brechas a qualquer grupo ou indivíduo que se posicionasse de modo desfavorável ao governo Getulista.

No período da ditadura militar brasileira, assim como em outros movimentos ditatoriais que surgiram na América Latina, o exército e os militares aprisionaram e torturaram muitos membros da imprensa, bem como homens e mulheres que buscaram apresentar, por meio da arte, ideais como liberdade e democracia. As artes, como a música, o cinema e a literatura, apresentavam-se como ferramentas de denúncia e resistência no espaço nacional e pelo mundo afora.

Para ter uma noção mais ampla da complexidade dos discursos e das ideologias que podem ser externalizados pelo cinema, é necessário ter um olhar mais claro desde as suas raízes até as transformações que formularam o cinema dos dias atuais e a sua influência para a cultura da sociedade em suas mais

variadas esferas. Nesse sentido, o cinema teria surgido no final do século XIX, por volta de 1895, no território da França. Inicialmente, surge como uma arte ainda bastante primitiva, em comparação ao cinema que temos conhecimento na atualidade. No período de seu surgimento, a revolução industrial iniciava um novo passo em suas produções, deslocando-se para o espaço do lazer e do entretenimento. Foram os irmãos Lumière os pioneiros daquela que viria a ser conhecida por muitos como a sétima arte, uma arte até então estranha, desconhecida e desacreditada até mesmo pelos seus fundadores.

Imagem 01 – Os Irmãos Lumière: os inventores do cinema



Fonte: Pinterest.

O cinema não surgiu com o intuito de se destacar como uma nova fonte de lazer, mas de servir como um mecanismo de apoio para o estudo e o conhecimento científico, tendo em vista que as lentes de captação de imagens em movimento poderiam dar aos estudiosos uma ferramenta mais potente para realizar estudos mais precisos do que aqueles que antes eram realizados por microscópios e outras invenções já existentes. A França, a princípio, se tornaria a primeira nação a utilizar o cinema também para fins de entretenimento. Em sua gênese, essa nova arte dependeu de muitas outras invenções para se estabelecer como uma ferramenta de transmissão de cenas, tais como o fonógrafo, desenvolvido por Thomas Edison, e, principalmente, o cinematógrafo, que permitia projetar as imagens sobre uma tela, invenção desenvolvida pelos irmãos Lumière, que revolucionaram a história do audiovisual.

As exibições cinematográficas, entretanto, não se firmaram logo de início como a principal atração do entretenimento e do lazer da população francesa. Os espaços, onde os filmes eram exibidos, eram ambientes pequenos para um público geralmente plebeu e de classe média, que utilizava também tais espaços para outras práticas, como o consumo de bebidas alcólicas e para assistir a outros tipos de apresentações e espetáculos que não envolvessem o cinema.

A França do final do século XIX se destacava como um dos países mais industrializados da Europa, possibilitando a uma grande parcela da população um notável poder aquisitivo. O próprio mercado interno do país conseguia cobrir os gastos e as despesas provenientes das produções cinematográficas, expandindo gradativamente para outros países os materiais e os filmes que foram produzidos.

A Europa e a América Ocidental foram os principais destinos da produção da nova arte, enquanto os Estados Unidos só se firmariam posteriormente como uma potência cinematográfica. O período pós-primeira e segunda guerras consolidaram os norte-americanos no mercado e nas produções cinematográficas do planeta de modo hegemônico, uma vez que o uso do cinema nos Estados Unidos da América transcendeu o campo da economia, consagrando-se como um veículo de transmissão de ideias, capaz de disseminar o “jeito Americano de ser”. Desse modo, o cinema norte-americano buscava destacar, entre a população local e internacional, os heróis, as virtudes, os acontecimentos e os ideais que formaram a grande civilização e o grande povo da sociedade americana:

O cinema, utilizado como instrumento patriótico de incentivo à guerra, ou de repúdio à ela – o que fosse mais interessante para o governo – é o que se nota nessa primeira fase da indústria cinematográfica. Ele adquiriu, assim, aspectos industriais e um alcance enorme na população – o que logo foi percebido pelos industriais que o financiaram e pelo próprio governo americano. Enfim, o cinema marca o início de uma era onde irão imperar os meios de comunicação de massa, onde o maior capital será a informação (Silva, 2019, p. 17).

As produções da indústria cinematográfica se expandiram de modo gradativo, moldando-se à sociedade americana e à sua cultura. Na atualidade, é praticamente impensável dissociar cinema e Estados Unidos, pois essa arte acabou se solidificando, ao mesmo tempo em que é utilizada como instrumento de consolidação da imagem americana, produzindo, por meio dos recursos audiovisuais e da propaganda, a transmissão de uma ideologia política, econômica e cultural.

Por intermédio da sociedade norte-americana e dos seus estúdios hollywoodianos, a indústria cinematográfica se expandiu, juntamente com os novos recursos técnicos, que possibilitaram uma sólida hegemonia estadunidense na produção e no consumo de cinema. As produções americanas alcançaram o seu auge a partir da década de 1920, período em que os EUA já se sobressaíam com a economia fortalecida após a Primeira Guerra Mundial.

A partir da década de 1930, o cinema passava a dividir o palco com uma outra arte visual, a televisão, que se tornou um veículo de transmissão bastante popular nos anos seguintes. Com o surgimento da televisão, o mundo ocidental passava a transmitir certos conteúdos e até mesmo produções que antes pareciam restritas às salas de cinema. As produções imagéticas agora passavam a ser visualizadas e consumidas nas próprias moradias, tornando a indústria audiovisual muito mais dinâmica e abrangente. A transmissão de culturas, ideologias e ideais políticos se apropriaram desses novos recursos de maneira gradativa nos anos subsequentes.

A Televisão transmitia para muitos a ideia de que a necessidade de se deslocar para um cinema a fim de consumir um determinado conteúdo já não era tão indispensável. Entretanto, as produções cinematográficas, mesmo nos dias atuais, seguem demonstrando o seu grande poderio no que diz respeito ao consumismo e ao gosto popular. As estreias de produções milionárias ainda passam a ser transmitidas de modo primário pelos cinemas, gerando grandes bilheterias e rendas lucrativas em muitas das produções. O glamour e a audiência das cerimônias de premiação, como a do Oscar, se tornaram cada vez mais tradicionais, como uma espécie de show à parte, que não só consagra os melhores filmes, ou atrizes e atores, mas também consagra, de modo geral, o sucesso da indústria audiovisual cinematográfica.

Na atualidade, as produções que passam pelo cinema chegaram à palma das nossas mãos. O surgimento da internet e das plataformas audiovisuais de *streamings* abriram caminho para uma nova era, pois o acesso às produções se tornou ainda mais dinâmico. Desse modo, os filmes, séries, animações e documentários podem ser consumidos em praticamente qualquer local. Apenas com um *click*, a população passa a ter contato com centenas de produções, que podem ser visualizadas nos seus próprios aparelhos digitais, alavancando o consumismo da indústria audiovisual.

3.2 *Band of brothers* e a representação norte-americana na Segunda Guerra Mundial

Um dos eventos mais difundidos e que se mostra como uma das páginas mais aclamadas pelo público a respeito da História Americana, certamente, se trata da atuação estadunidense na Segunda Guerra Mundial. A nação se sobressai como uma das principais potências no período do pós-guerra, rivalizando com os soviéticos pela supremacia econômica e ideológica do planeta.

O cinema e as produções audiovisuais seguramente colaboraram para a construção e a manutenção da imagem americana como uma nação poderosa, capaz de liderar as forças aliadas contra o Eixo. Nesse sentido, também foram importantes para a difusão dos ideais de bravura, fraternidade, heroísmo e irmandade entre os soldados, bem como para lembrar as dificuldades e as grandes operações encabeçadas pelo exército aliado. Vale lembrar que a atuação e a representação dos combatentes e dos personagens nacionais estão estampadas em várias produções da indústria cinematográfica norte-americana.

Grandes sucessos, como “O resgate do soldado Ryan”, dirigido pelo diretor judeu Steven Spielberg, lançado em 1999, “Até o último homem”, dirigido por Mel Gibson, que teve seu lançamento em 2017, servem de exemplos de superproduções que visam adaptar ou apresentar possíveis situações vivenciadas pelos soldados aliados dos Estados Unidos no período do conflito. Até mesmo trabalhos de longa duração, como a Minissérie “Band of brothers”, lançada em 2001, sob a direção de nomes de peso como Tom Hanks, Erik Jendresan, John Orloff, E. Max Frye, Granham Yost, Bruce C. McKenna e Erik Bork reforçam a atuação e as situações impostas aos estadunidenses no decorrer da guerra. A minissérie soma um total de 10 episódios e se baseia em depoimentos realizados por americanos veteranos que lutaram na Segunda Guerra Mundial, mas especificamente retratando o grupo de paraquedistas da companhia Easy e a sua atuação na frente de batalha europeia.

A série é disponibilizada na atualidade por meio de plataformas visuais, como a HBO MAX, rede de *streaming* que é descendente da HBO, canal de televisão norte americano fundado no início da década de 1970. É interessante observar que a rede se expandiu para muitos outros países ocidentais, propagando muitas produções da indústria audiovisual, destacando-se com superproduções aclamadas

pelo público, tendo como um dos principais expoentes a série “Game of thrones”, vencedora de grandes premiações cinematográficas.

A proposta da série “Band of brothers” (2001) é muito maior do que se apresentar como uma produção de entretenimento, a série busca expor o cenário e o contexto conflituoso dos anos finais da Segunda Guerra Mundial. Desse modo, representa, por meio dos cenários, dos diálogos, das cenas e dos personagens, as principais situações e acontecimentos vivenciados por muitos dos soldados norte-americanos ao longo da guerra.

Os episódios da série geralmente variam de 50 minutos a uma hora, contando com pequenas introduções em formato de depoimentos realizados por veteranos e personagens reais, que apresentam uma prévia dos acontecimentos vivenciados durante a guerra e que serão retratados durante o episódio subsequente. A adaptação cinematográfica, o uso das cores, dos sons e dos cenários visam apresentar e retratar, por meio de uma adaptação tecnológica, aquilo que é interpretado dos discursos e depoimentos dos veteranos sobreviventes da companhia Easy, transmitindo, ou pelo menos esboçando, uma tentativa de apresentar ao público parte das experiências relatadas pelos soldados americanos.

Imagem 02 –Imagem da companhia Easy realizando um treinamento



Fonte: Série “Band of brothers” (2001).

O primeiro episódio, intitulado como *Currahee*, apresenta o processo de preparação da divisão de paraquedistas ainda em solo norte-americano. Na sequência das cenas, o telespectador pode visualizar os treinamentos aos quais os

soldados eram submetidos durante o período de preparação, sendo possível observar etapas de resistência, como corridas e caminhadas nas montanhas, passagem pelo arame farpado e saltos em equipe. No setor americano, os soldados recebiam não só uma formação técnica, mas também ficavam a par de inspeções rotineiras estabelecidas pelo próprio código de ética e demais regulamentos do exército. Em um dos trechos de diálogo estabelecido entre os personagens, é possível visualizar a rigidez do código acima citado: “Pornografia é ilegal, roupas fora do regulamento é ilegal. Esse homem tinha inúmeros preservativos na gaveta, como acham que ele terá forças para lutar na guerra?” (19min).

O diálogo enfatizado pelo personagem capitão Sobel à frente da equipe de paraquedistas em treinamento reforça a ideia de que os soldados recebiam uma disciplina rígida, de modo que as distrações e demais irregularidades não seriam toleradas pelo exército. Ou seja, a mentalidade dos combatentes deveria estar de acordo com o proposto, formando a ideia de soldados que não poderiam cometer erros, de um regimento que tinha a missão de atuar com eficiência e perfeição. A mensagem transmitida pela cena e pelo diálogo apresenta a visão militar que os Estados Unidos disseminavam durante o conflito, a ideia dos americanos como os melhores soldados do mundo.

A série ainda demonstra, em seu primeiro episódio, que os militares não eram os únicos americanos a possuir um papel durante o conflito. Em mais um diálogo do capitão Sobel, é possível visualizar outras mensagens de engrandecimento da força americana, em momentos de preparação e envio das tropas estadunidenses para o velho continente, o público civil também era convocado para a guerra:

Prezado senhor, ou senhora, em breve seu filho irá se lançar do céu para atacar e vencer o inimigo. Suas cartas frequentes com o seu amor e encorajamento lhe proporcionarão um coração lutador, com isso ele não pode falhar e obterá glórias para si mesmo, tornando vocês orgulhosos dele e o país sempre será grato por essa ajuda na hora decisiva. Assinado, Hebert. M Sobel, capitão em exercício (33-34min).

A partir desse diálogo, é possível notar o direcionamento estabelecido pelas forças armadas americanas, a moral das tropas sempre deveria estar em alta. A convocação dos civis tinha como finalidade elevar a força mental dos combatentes que seriam submetidos a momentos totalmente adversos. Mesmo antes de chegar à

Europa ou realizar os primeiros saltos, a mentalidade de homens heroicos e vitoriosos já era forjada pelas próprias forças armadas.

O Segundo episódio da série se inicia com depoimentos de alguns paraquedistas da companhia Easy, que narram para o telespectador o momento dos primeiros saltos na Normandia, durante a execução das operações militares do Dia D:

Eu estava na porta, dava pra ver as luzes na zona de salto. Eu sabia que a nossa zona de salto estava longe. Quando a luz vermelha foi acionada, todos ficam em pé prontos para saltar. Quando o avião começou a ser atacado, o piloto ascendeu a luz verde, eu pulei imediatamente (2-3 min).
Como é que você se prepara mentalmente? Cada homem precisa fazer isso por si mesmo, cada homem precisa se preparar mentalmente para dar esse salto (3min).
No fundo, você se pergunta o que vai acontecer. Sabemos que fomos muito treinados, qual será a nossa tarefa e o que devemos fazer. É nisso que você tem que pensar. Nós perdemos muita gente naquela noite, mas... a gente tenta esquecer (03-04min).

A narrativa destacada pelos veteranos apresentam a mentalidade e a insegurança demonstrada por muitos dos combatentes durante o início dos saltos e das operações militares. O contexto do dia D representou uma mudança drástica no panorama da Segunda Guerra Mundial, mostrando-se como uma campanha extremamente complexa que foi capaz de virar a chave do conflito para as forças aliadas. Os soldados buscaram pôr em prática as instruções e as tarefas assimiladas no treinamento e ainda tiveram que contar com diversas dificuldades que se apresentaram durante o episódio como os saltos fora da zona de pouso e o alto número de baixas americanas durante a campanha.

Um dos protagonistas da série, o major Winters, narra, ao final do episódio, um depoimento a respeito da campanha:

Naquela noite agradei a Deus por ter me protegido no dia D, rezei para sobreviver no dia seguinte. Se de algum modo eu conseguir voltar para casa, prometi a Deus e a mim mesmo que eu vou encontrar um terreno tranquilo em algum lugar e viver o resto da vida em paz (47min).

O pequeno trecho narrado por Winters reforça parte dos horrores da guerra, as dificuldades impostas na campanha do dia D, assim como em muitos outros eventos da Segunda Guerra Mundial. É possível notar que, em meio a muitos

traumas, os combatentes buscavam, acima de tudo, voltar para casa e evitar novos conflitos.

Imagem 03 – Soldados da companhia Easy se preparando para saltar



Fonte: Série “Band of brothers” (2001).

O episódio seguinte também apresenta, como foco em seus momentos iniciais, alguns depoimentos a respeito da campanha na Normandia. Reforça que o fator psicológico e as vivências traumáticas impostas pelo conflito podem se apresentar através de impactos ainda maiores no cotidiano das tropas. A partir do uso do personagem soldado Blhite, é possível visualizar outros problemas que as divisões poderiam enfrentar. Durante o terceiro episódio, o telespectador é capaz de observar o personagem sofrendo com um problema chamado por ele mesmo de cegueira histérica, estado em que o soldado se mostrava incapaz de observar tudo o que estava em sua volta, enquanto agonizava em uma trincheira durante os bombardeios alemães.

Para além das dificuldades encontradas nas missões, dos distúrbios emocionais e dos demais problemas cotidianos do exército, a série também apresenta, em suas cenas, outras questões fundamentais que valem a pena serem analisadas sob um ponto de vista crítico. Além disso, as operações e as missões militares, os países e os espaços onde ocorrem os eventos em que a companhia Easy esteve inserida e a sua atuação diante das demais forças aliadas também podem ser discutidas com o desenrolar da série.

O quarto episódio se baseia na trama da chamada operação *Market Garden*, que tinha como objetivo tomar alguns pontos estratégicos da Holanda, a qual se

encontrava ocupada pelos nazistas. Por meio do relato do capitão Winters, é possível observar mais informações sobre esse evento:

Como vocês podem ver, esta é a operação *Market Garden*. Em termos de divisão aerotransportada, esta operação é maior do que a da Normandia. Saltaremos dentro da Holanda ocupada, o objetivo dos aliados é tomar essa estrada aqui entre Eindhoven e Arnhem para que as duas divisões blindadas britânicas possam rumar para Arnhem. Nossa missão é liberar Eindhoven, ficar lá, e esperar pelos tanques (09-10min).

Imagem 04 – Soldados americanos sendo recebidos pela população holandesa



Fonte: Série “Band of brothers” (2001).

Analisando a imagem e as sequências seguintes das cenas, a produção cinematográfica da série apresenta ao público uma ambientação do território holandês após a chegada dos americanos, que representavam ideais almejados pela população que estava sob o jugo alemão. Os combatentes eram vistos como heróis libertadores que trariam novos dias para a Holanda ocupada.

As cenas também demonstram que o tratamento holandês em relação aos alemães era totalmente ao contrário. Civis acusados de possuir alguma relação com o exército germânico, ou qualquer outro personagem simpatizante do exército alemão, eram punidos pela própria população local com agressões físicas e, em alguns casos, até mesmo assassinatos. As cenas do episódio apresentam questões que devem ser discutidas, principalmente no que diz respeito às condições em que as populações civis dos países ocupados pelos nazistas eram encontradas. A série, desse modo, acaba abrangendo o campo da ação e dos combates que são tão

comuns em produções com esse eixo temático, apresentando ao público outros campos da Segunda Guerra Mundial, além das exclusivamente atuações militares.

Para além da exibição de cenas que visam adaptar possíveis acontecimentos da operação *Market Garden*, a série apresenta, no seu quinto episódio, características de outra operação, que recebe o codinome de “operação Pegasus”, que tinha como objetivo resgatar tropas britânicas que ficaram presas durante a campanha de *Market Garden*. Os soldados da companhia Easy ficariam responsáveis pelo resgate dos chamados *Red Devils*, ou diabos vermelhos, como eram conhecidos alguns membros das forças armadas inglesas. Por meio da análise do episódio, é possível acompanhar a relação norte-americana com outras nações aliadas, principalmente com a Grã-Bretanha e as forças canadenses, que colaboram, em conjunto, no teatro de operações europeias no combate às forças do Eixo.

Um dos episódios mais aclamados e que traz as imagens e as cenas mais marcantes da produção, certamente se trata da adaptação da Batalha de Bastogne, que ocorre na região das colinas montanhosas das Ardenas, no território da Bélgica. Os acontecimentos da batalha ocorrem nos episódios seis e sete, partindo de uma pequena introdução enfatizada por alguns diálogos e depoimentos que ocorrem nos minutos iniciais:

Quando partimos para Bastogne, não tínhamos equipamento, não havia munição o suficiente, tínhamos poucas roupas de inverno, mas nós confiávamos que as autoridades militares nos supririam com o necessário (02min).

Como em Bastogne, chegamos a ter uma bala para cada um. A neblina impedia a distribuição de suprimentos, ao tentarem nos abastecer, eles erravam e jogavam os suprimentos para os alemães (02-03min).

Até hoje, em noites geladas, quando eu e minha esposa vamos dormir, eu digo “ainda bem que não estou em Bastogne” (03min).

Os depoimentos fornecidos pela série demonstram algumas situações muito características da Segunda Guerra Mundial. As dificuldades de adaptação ao território, a falta de suprimentos e até mesmo as condições climáticas se afirmam como fatores determinantes do sucesso ou do fracasso das missões militares. A ambientação da Bastogne é construída na série de modo que apresente as dificuldades e as situações acima citadas, o ambiente é retratado como uma zona acidentada coberta de gelo, o som das explosões e os tiros da artilharia alemã são destacados em praticamente todo o episódio. Cenas e imagens fortes de mortes e

mutilações são produzidas de modo a adaptar os horrores e as agonias reais que foram visualizadas pelas forças armadas e pelos civis no período da guerra, trazendo ao telespectador um certo espanto e choque.

Outros diálogos e depoimentos ainda seguem descrevendo os acontecimentos de Bastogne. No sétimo episódio, testemunhos reais de veteranos e cenas adaptadas são exibidos a fim de demonstrar mais visões dessa etapa do conflito:

Eu vi a morte, eu vi meus amigos e meus homens morrerem e... não são necessários tantos dias assim para mudar alguém totalmente. [...] Por toda parte havia pessoas mortas, soldados mortos aqui e ali, nossos e deles, além de civis ao lado de animais mortos, havia morte por toda parte. [...] Nunca é possível, quando um amigo seu é atingido, você não consegue cuidar dele como gostaria, especialmente se você estiver sendo atacado em movimento. Eu aguentei bem... mas tive muitas dificuldades mais tarde na vida porque... esses fatos voltam e você jamais os esquece (01min).

Os relatos a respeito dos momentos vivenciados em Bastogne foram adaptados através de cenas chocantes, que buscam disseminar os sentimentos e traumas reforçados pelos depoentes. Os ataques e os momentos de desespero reafirmam as dificuldades encontradas pelos combatentes nos anos finais da Segunda Guerra Mundial, representando realidades vivenciadas por personagens que não tiveram como depor sobre tais fatos.

Em uma cena narrada pelo personagem sargento Lipton, torna-se ainda mais nítida a permanência do fator psicológico das tropas durante a batalha no território belga:

Naquele momento, na trincheira, eu só pensava no feriado do dia da independência. Quando eu era criança, eu adorava fazer fogos de artifício e bombinhas, eu adorava explodir tampinhas de garrafa, esperava ansiosamente o ano todo. Naquele dia, presenciei a demonstração do poder de fogo, foram os fogos mais aterrorizantes da minha vida (32min).

A ambientação esquematizada pela produção e direção audiovisual da série, juntamente com os diálogos apresentados no episódio, torna a adaptação visual da campanha de Bastogne pesada para quem assiste, de modo a construir as cenas do episódio em harmonia com os relatos reais dos eventos apresentados pelos veteranos. Os bombardeios, as baixas e os traumas são apresentados ao longo da

produção de modo frequente, tornando os episódios como um complemento audiovisual aos discursos e às memórias relatadas.

Por meio de uma das cenas finais do oitavo episódio, narrada pelo personagem Webster, outras discussões pertinentes podem ser visualizadas e discutidas pela historiografia:

Será que um dia as pessoas saberão o que custou aos soldados vencer a guerra? Nos EUA, havia indícios de tempos de paz, o padrão de vida subia, os hipódromos e boates eram uma sensação, era impossível encontrar acomodações em Miami Beach. Como eles poderiam saber do preço pago pelos soldados em pavor, agonia, sangue se eles nunca estiveram em lugares como a Normandia, Bastogne e Haguenau? (54-55min).

São variadas as questões que podem ser discutidas a partir do diálogo apresentado pelo personagem: como estava o cotidiano da população norte-americana, a euforia e a ansiedade para o fim do conflito, o ritmo de comemoração da comunidade civil, que já vislumbrava o momento de vantagem em que as forças aliadas tinham em relação ao exército do Eixo nos anos finais da guerra? E, acima de tudo, a como esses soldados seriam recebidos, quais auxílios financeiros ou psicológicos o governo ficaria responsável de fornecer a esses combatentes e como as memórias das suas ações seriam transmitidas para a população? Essas questões apresentam quais tipos de discussão podem ser idealizados e trabalhados pelo historiador que se baseia no cinema como fonte de pesquisa.

O nono episódio de “Band of brothers” apresenta o desfecho final do conflito, demonstrando cenas marcantes, como a da descoberta dos campos de concentração em território alemão e a dos primeiros contatos entre os prisioneiros e os soldados dos Estados Unidos. Em um diálogo entre um prisioneiro judeu, o major Winters e um intérprete da companhia Easy, é possível encontrar algumas informações sobre esses primeiros contatos:

Intérprete: Que tipo de campo é esse? Por que eles estão aqui?
 Judeu: É um campo de trabalho para indesejáveis desprezados.
 Major Winters: É um campo para criminosos?
 Intérprete: Não, acho que não são criminosos.
 Judeu: É um campo para médicos, músicos, alfaiates, fazendeiros, intelectuais, pessoas normais, judeus.
 Intérprete: Eles são judeus, poloneses e ciganos. (41-42min).

Nas sequências que sucedem a cena do diálogo, são notórias as situações de espanto e choque das tropas americanas ao visualizarem as condições psicológicas e físicas dos prisioneiros, que são retratados como personagens totalmente desnutridos e abatidos, com os cabelos raspados e o tradicional traje listrado em azul e branco. Os norte-americanos fornecem ajuda médica e dispõem dos seus suprimentos para oferecer auxílio, sendo visualizados como libertadores. A imagem de soldados estadunidenses benevolentes e justos é construída no decorrer do episódio, estabelecendo outros olhares a respeito do conflito, principalmente com relação ao holocausto e à população judaica.

O episódio final apresenta os eventos derradeiros da guerra, dando destaque ao famoso dia VE, dia da Vitória na Europa. O episódio final é ambientado de uma maneira leve, apresentando momentos de comemoração entre os membros da companhia Easy após as notícias das rendições incondicionais da Alemanha e do Japão. Ao final, é possível observar o desfecho individual dos principais personagens. É interessante notar que muitos seguiram outras profissões, longe do campo militar, enquanto outros seguiriam por mais um tempo inseridos nas forças armadas.

A produção, portanto, fornece a partir dos diálogos e dos demais recursos audiovisuais, discussões e questões que cabem à análise, uma vez que toda produção, seja escrita ou audiovisual, carrega uma vasta gama de intenções e motivações de quem a produz, quer para fins comerciais ou para trazer ao público visões referentes a determinados fatos ou personagens, visando transmitir ideias para construção e fortalecimento de uma ideologia.

4 ENTRE O CINEMA E A HISTÓRIA: MUDANÇAS DE ESCALA

4.1 A relação entre o cinema e o historiador

O cinema certamente se apresenta como parte do arsenal utilizado pelos historiadores e pesquisadores em suas produções na atualidade, não só ao retratarem ou reformularem as ideias sobre as origens dessa arte visual, mas também no momento em que se apoiam em suas novas tecnologias, nas quais as produções cinematográficas se embasam para propagar as suas criações. Como já foi demonstrado ao longo da pesquisa, o cinema tem a capacidade de fabricar e produzir ideias a respeito de determinados eventos ou fatos históricos por meio de personagens, ambientações, diálogos e demais mecanismos que se fazem presentes nas produções fílmicas. Os produtores trabalham a fim de buscar oferecer, a partir de filmes ou séries, uma adaptação das histórias documentadas ao longo do tempo, atribuindo elementos dramáticos e exaltando as ideias e os personagens que representam as ideologias ou as visões de mundo de quem produz.

Os filmes e as demais produções que constroem as suas tramas a partir de tais eventos históricos oferecem aos telespectadores ideias de eventos que de fato podem ter ocorrido de maneira semelhante aos que os recursos imagéticos da direção oferecem. Entretanto, as participações de pesquisadores, teóricos ou especialistas da temática abordada reforçam e explicam ao público mais do que as imagens ou os personagens representados por grandes atores e atrizes seriam capazes de demonstrar por meio das cenas.

Os historiadores, autores, memorialistas e pesquisadores também ganharam ao longo do tempo alguns minutos nas telas por meio de novos gêneros de produções fílmicas como o cinema documentário, que trabalha com o uso de sons, cenas, imagens, personagens e, principalmente, com o uso de uma narrativa que reforça e dialoga com a esmagadora sequência imagética que já vinha sendo oferecida pelos demais gêneros do cinema. Desse modo, o cinema documentário transmite ao telespectador informações não baseadas totalmente em ficções ou adaptações de relatos de testemunhas ou personagens que vivenciaram o evento

histórico, mas, sim, baseadas em indivíduos que possuem pesquisas sólidas referente aos eventos e ao contexto analisado.

O gênero cinematográfico documentário teria se estabelecido no início do século XX, mais especificamente no final da década de 1920, constituindo-se de um gênero documental. Ou seja, o cinema documentário é baseado em provas e em vestígios que remontam a um determinado período ou época. O objetivo dessa nova ramificação do cinema seria o de desprender as produções fílmicas da ficção, apresentando ao público cenas que representam características e acontecimentos verídicos da história humana:

Doravante, o documentário ficaria associado a todo um ideal de simplicidade, despojamento, austeridade, tanto do ponto de vista da economia técnica, formal, quanto da autenticidade temática, elementos que supostamente sustentariam uma captação mais verídica, direta da realidade, da vida como ela era e não como era imaginada (Teixeira, 2006, p. 256).

Nesse sentido, os documentários se apresentam por meio de técnicas mais leves, não havendo uma grande necessidade de efeitos visuais artificiais para demonstrar as cenas dos acontecimentos que serão destacados pela direção. Os efeitos, as cores e os sons que retratam as sequências e as temáticas de um período menos recente, geralmente, são apresentados de acordo com o grau de sofisticação do período em questão, justamente para reforçar as condições e as principais características e tecnologias de registro do período narrado pelos documentaristas.

Na atualidade, os documentários passaram a se apropriar das tecnologias disponíveis pela contemporaneidade, utilizando vários recursos digitais, sonoros e imagéticos que têm como finalidade potencializar as produções cinematográficas documentais. Desse modo, os documentários passaram a introduzir recursos que eram inexistentes nos eventos e nos acontecimentos da época que é discutida a partir das imagens e dos diálogos destacados pelos filmes produzidos.

O historiador, os pesquisadores e os demais especialistas ganham uma pequena participação durante as imagens e os sons que são apresentados por meio da produção audiovisual. Entretanto, tais personagens parecem entrar em uma grande desvantagem quando da tentativa de apresentar a realidade dos fatos. Devido à vasta carga de imagens e cenas que são destacadas nas superproduções,

as imagens e os trechos que estão anexados ao documentário podem apresentar parte de uma realidade que é construída por meio da ausência de evidências mais sólidas e apuradas. Tendo isso em vista, a participação dos especialistas sobre os temas retratados e as suas produções bibliográficas podem servir como um suporte capaz de reforçar e complementar o que as cenas não conseguem transmitir apenas por meio do que é retratado pelo uso dos recursos imagéticos.

O documentário certamente se apresenta na atualidade como um sólido e popular meio de transmissão de informações históricas. Muitos temas são narrados a partir da gama de trechos e imagens que são disponibilizados pela produção. No que concerne à Segunda Guerra Mundial, existe um robusto leque de produções externalizadas ao público por meio da construção de documentários, entre esses, o documentário “Grandes momentos da Segunda Guerra Mundial em cores”, disponibilizado por plataformas audiovisuais, como a Netflix. É importante dizer que esse documentário acaba revelando ao público novidades técnicas e estéticas que valem a pena serem discutidas.

O documentário em questão é de autoria britânica e foi lançado no ano de 2019. A produção apresenta uma importante revolução técnica no que diz respeito à disseminação de imagens gravadas ou fotografadas no período da Segunda Grande Guerra. Até, então, as imagens que retratavam os acontecimentos do conflito estavam disponíveis apenas em preto e branco. No entanto, a produção documental, dirigida por Nicky Bolster, Kasia Uscinska e outros, apresenta os eventos em cores vivas e restauradas, atraindo muitos telespectadores que até aquele momento nunca haviam visualizado a Segunda Guerra Mundial com essa qualidade técnica. Um outro importante atrativo da produção é a participação de vários historiadores, pesquisadores, memorialistas e professores de história militar que surgem com o intuito de abordar e destrinchar os principais fatos e acontecimentos que embasam cada um dos dez episódios que compõem o documentário.

Os episódios possuem uma duração de aproximadamente 50 minutos e contam com um apoio teórico profissional de vários pesquisadores, bem como de relatos de veteranos sobreviventes, que explicam e reforçam os eventos e os demais acontecimentos ocorridos em algumas fases da guerra contempladas pela produção cinematográfica. Cada episódio apresenta uma batalha ou um evento dos principais teatros de combate e operações do maior conflito armado da História da humanidade.

O primeiro episódio do documentário, denominado *Guerra-Relâmpago*, apresenta os momentos antecedentes e iniciais da Segunda Guerra Mundial. Logo de início, há uma intensa movimentação dos tanques e da aviação alemã dentro do território da Polônia, demonstrando o vasto poder militar germânico adquirido após a ascensão de Adolf Hitler. A infantaria alemã é descrita pelo narrador como uma força “super-humana revolucionária”, que destrói de forma rápida e consistente as resistências dos países invadidos.

Um dos personagens do elenco do documentário, o professor da Universidade do Norte do Texas, Geoffrey Wawro, explica as agressões iniciais da Alemanha como uma consequência da situação de desprezo vivenciada pela população após as duras imposições promovidas pelo tratado de Versalhes. Para ele, essas agressões são resultados das drásticas perdas territoriais, da diminuição das forças armadas e do crescimento da inflação e da pobreza, momentos que são retratados pela sequência de imagens que apresentam civis alemães em meio às ruas, com semblantes de sofrimento e descaso.

A chegada de Hitler ao poder, na Alemanha, parecia representar o fim desse sofrimento, uma vez que os nazistas prometiam intervir em todas as áreas, gerando empregos necessários para a população fragilizada. A sequência imagética enfatiza centenas de bandeiras revestidas com a suástica. O narrador apresenta quais motivações geraram o apoio maciço das camadas populares ao regime idealizado por Hitler:

Narrador: Se levantando do ressentimento, uma população se levanta, usando o orgulho alemão e as promessas de retomar o que foi perdido. Adolf Hitler, e o seu partido nazista, começa a reunir seguidores. O povo alemão o via como um salvador, um homem que poderia restaurar a grandiosidade de uma nação (03min).

Essa narrativa, referente ao orgulho ferido do povo alemão, seria reforçada novamente por meio das explicações do professor Geoffrey Wawro, que acaba listando os principais motivos que influenciaram a revolta e o ressentimento dos alemães, solidificando as agressões até a declaração de guerra e início do conflito:

Professor Geoffrey Wawro: Havia um sentimento entre os alemães de que, quando o tratado de Versalhes foi aprovado, suas disposições eram draconianas demais. Com a perda do território e as enormes indenizações em dinheiro, o que o tratado de Versalhes fez foi culpar a Alemanha pela

Primeira Guerra Mundial, enquanto os alemães sentiam que eram tão responsáveis quanto todos os outros países. Isso os irritava (04min).

A exposição narrativa do pesquisador acaba entrando em cena de modo significativo, tendo em vista que grande parte das cenas reveladas em qualquer produção audiovisual referente à Segunda Guerra Mundial acaba contemplando, de modo colossal, as imagens de ações de combate, como as das forças aéreas e as de demonstração de poder de fogo das nações envolvidas no conflito. Ao priorizar essas cenas, a maioria das produções audiovisuais sobre a Segunda Guerra Mundial acaba deixando de fora informações eficazes para o entendimento das ações diplomáticas e políticas que levaram à eclosão do combate.

O professor de estudos de guerra, Sönke Neitzel, da Universidade de Potsdam, na Alemanha, também apresenta, em pequenos trechos do documentário, as situações de despreparo das tropas alemãs no início do conflito. Em seguida, destaca a incrível velocidade de recuperação e adaptação tecnológica e as novas táticas de batalha, que culminaram em invasões bem-sucedidas em países como Holanda, Bélgica e França. Além da rápida adaptação, os soldados alemães parecem ser descritos como “super-homens” que lutavam de maneira incansável, sob o efeito de drogas fabricadas por cientistas germânicos, o que dava a eles bastante ferocidade durante as batalhas, também contribuindo com a diminuição da fadiga.

Imagem 05 – Professor Sönke Neitzel, no documentário “Grandes momentos da Segunda Guerra Mundial em cores” (2019)



Fonte: Série “Grandes momentos da Segunda Guerra Mundial em cores” (2019).

Questões como as táticas de guerra inovadoras, a exemplo da “guerra relâmpago”, os acordos de interesses, o pacto de não agressão nazi-sóvietico de invasão e divisão da Polônia, as tomadas de posições estratégicas e a mobilização dos blocos rivais no início do conflito parecem ganhar bastante notoriedade no primeiro capítulo da produção audiovisual, iniciando a narrativa e as cenas de um modo cronológico na disseminação das principais informações do episódio:

Imagem 06 – Tropas nazistas atuando na Segunda Guerra Mundial



Fonte: arquivo do autor.

A partir do segundo episódio, o documentário acaba selecionando eventos não relacionados tipicamente a uma sequência cronológica de acontecimentos, mas, de fato, a eventos que tiveram mais destaque ou notoriedade dentro do contexto da Segunda Grande Guerra. O episódio dois apresenta aos telespectadores a batalha da Grã-Bretanha, descrita pelo narrador como uma das batalhas mais heroicas do conflito, trazendo a participação de especialistas e pesquisadores da batalha, assim como depoimentos de combatentes sobreviventes.

A produção do documentário apresenta, em sua segunda parte, grandes combates táticos entre Inglaterra e Alemanha: os britânicos e a sua famosa soberania marítima, de um lado, entrando em duelo contra a poderosa aviação alemã, do outro, encabeçada pela famosa Luftwaffe, que já havia demonstrado a sua rápida capacidade de poder ofensivo na tomada de alguns países da Europa.

As cenas apresentadas ao longo do episódio dão foco aos aviões e aos seus pilotos, assim como aos fogos cruzados que ocorriam nas batalhas através do mar, mostrando uma vasta troca de agressão entre os dois países por meio de

bombardeios de várias cidades dentro dos seus territórios. A operação “Leão Marinho”, empreendida pelos nazistas, tinha como objetivo central a invasão do território inglês, sendo um dos principais eventos difundidos ao longo do episódio. A invasão acaba culminando em uma desastrosa derrota alemã. Os pilotos britânicos sobreviventes acabam descrevendo o episódio como um dos maiores orgulhos das suas vidas.

O documentário também demonstra, em alguns de seus episódios, cenas e imagens de outras frentes de combate, como as batalhas do Pacífico, que teve início com as agressões japonesas à base norte-americana de Pearl Harbor, no território do Hawai. A batalha de Pearl Harbor acaba sendo descrita quase como um evento de ficção científica. Nesse sentido, a produção destaca o avanço do império japonês no Oriente, que ocorre após um triunfo sobre o exército vermelho soviético, que já dava indícios do florescimento de uma nova potência militar que surgia no cenário global.

O autor da obra “Countdown to Pearl Harbor”, Steve Twomey, reforça uma pequena ideia do choque mundial a respeito do poderio militar japonês no período do conflito:

O mundo ficou chocado por esse vasto império czarista ter sido derrotado em campo de batalha por aquelas pessoinhas engraçadas do arquipélago da costa leste da Ásia. Isso convenceu os japoneses de que eles poderiam ser considerados uma potência mundial (03min).

O Japão, até então, era uma nação que exercia pouca influência no cenário internacional, acusava ferozmente o Ocidente por barrar a imigração japonesa para países ocidentais e pelo forte racismo sofrido pela sua população. Tais ressentimentos, juntamente com a corrupção existente em vários grupos políticos japoneses, abriram espaços para que grupos ultranacionalistas entrassem em cena.

O narrador da série apresenta um dos principais personagens japoneses dentro da Segunda Guerra Mundial, bem como apresenta quais eram os seus ideais e as suas ações no momento em que o Japão realiza as primeiras agressões do conflito na região do Pacífico:

Narrador: Liderando a luta pelo poder, está um general do exército ultranacionalista, filho de um venerado Samurai, Hideki Tojo, um combatente militar cruel, que tinha a ideia de transformar o empobrecido Japão em uma nação rica e poderosa (43min).

O documentário apresenta, por meio dos discursos e das cenas, uma sequência de barbaridades cometidas pelos japoneses, como assassinatos de civis e estupros. Um dos pesquisadores que compõe o elenco do documentário apresenta algumas ideias e informações sobre alguns desses acontecimentos:

Pesquisador: Os estupros, em Nanquim, em 1937, foi algo terrível. As atrocidades eram inimagináveis. Para os Estados Unidos, era outra prova das intenções malignas do Japão, na China, de invadir, colonizar e extrair os recursos do país (11min).

O Japão foi descrito pelos americanos como um povo maligno e que possuía intenções maldosas dentro do Oriente. Os interesses expansionistas teriam firmado a entrada do país no famoso bloco do Eixo, dando, assim, início a uma sequência de campanhas de conquistas territoriais dentro daquela frente de batalha. O ataque à base de Pearl Harbor partia desse princípio, tomar as bases americanas dentro do território oriental e demonstrar ao Ocidente uma resposta militar.

Desse modo, em 1941, os japoneses realizaram um ataque maciço, pegando os norte-americanos de surpresa e totalmente desprevenidos. Vários campos de pousos e aviões foram destruídos, encouraçados e navios de guerra foram incendiados. Os eventos que ocorreram em Pearl Harbor, em 1941, representaram para os Estados Unidos um golpe muito duro, de modo que o documentário retrata o evento como uma catástrofe nacional, em que mais de 2400 pessoas teriam morrido. Após o ataque, o Japão pôde se expandir pelo extremo oriente.

A guerra no Pacífico também é apresentada por meio da batalha de Midway, descrita como um evento dramático daquele teatro de operações. O documentário destaca o contra-ataque das forças dos Estados Unidos, bombardeando os porta-aviões japoneses, bem como destaca os intensos bombardeios trocados entre as nações. Nesse ínterim, as vitórias alcançadas por ambos os lados demonstravam que o conflito teria uma longa duração.

Outro momento extremamente famoso e importante da Segunda Grande Guerra foi o cerco à cidade de Stalingrado, na União Soviética, apresentada pelo documentário em seu quinto episódio. Os pesquisadores, que surgem durante a narrativa das cenas, embasam a grande rivalidade e a extrema brutalidade dessa batalha, explicando que Stalingrado não se tratava apenas de uma zona estratégica

localizada nas proximidades do rio Volga, mas também como uma cidade simbólica, que deveria ser conquistada a qualquer preço. A partir da fala do professor Michael Lynch, da Universidade de Leicester, é possível observar tais ideias: Professor Michael Lynch: “Para Hitler, a União Soviética era o lar dessa nova ideologia que ele detestava. O comunismo atrapalhava a supremacia ariana e isso o preocupava” (02min).

A mesma URSS que havia firmado um acordo com os nazistas, na invasão do território Polonês, era alvo da ira de Adolf Hitler, que temia a expansão do comunismo pela Europa que ele mesmo buscava conquistar. Desse modo, o ataque à cidade que carregava o nome do seu rival, Joseph Stalin, tornou-se um alvo para os alemães. Conquistar Stalingrado seria como mandar um recado para o próprio líder soviético: a ideologia nazista buscava subjugar o exército vermelho e a sua ideologia.

As imagens da batalha de Stalingrado apresentam céus enegrecidos pela fumaça dos bombardeios. Em meio à vasta onda de destruição, homens e mulheres da Rússia lutavam no campo de batalha para defender a cidade. O professor de História Jochen Hellbeck faz uma descrição desses soldados ao decorrer das cenas: “O soldado soviético era brutal, bestial, sub-humano, mas tenaz, determinado e desprezando totalmente o instinto de sobrevivência” (25min).

Essa desumanização do soldado soviético reforçava a ferocidade empreendida pelas tropas russas ao longo do combate. Com a modernização das forças armadas russas e com a chegada brutal do inverno na região, as tropas alemãs sofreram um duro revés, que daria início ao contra-ataque dos soviéticos e a posterior invasão ao território germânico.

Dentro do teatro de operação europeu, um dos eventos de maior destaque no conflito, capaz de envolver um número significativo de soldados e a mobilização de milhares de toneladas de armas e equipamentos de guerra, foi o famoso dia D. Esse dia já foi adaptado em grande parte dos filmes e séries referentes ao contexto da Segunda Guerra Mundial, apresentando a invasão e retomada do território francês a partir de uma sólida operação aliada encabeçada pelos Estados Unidos.

A chegada norte-americana na frente de batalha europeia apresentava uma ação audaciosa. A operação *Overlord* de retomada da França visava, por meio de uma invasão pelo mar, a reocupação do território pelas forças aliadas. Tais ações são representadas pelo documentário a partir de uma longa sequência de imagens

de navios e tropas aliadas se deslocando para as praias francesas, iniciando os primeiros combates contra as resistências nazistas, que foram pegas de surpresa, abrindo a passagem e servindo como uma virada de jogo para a vitória aliada na Europa. O professor James Holland reforça, em sua fala, a importância dessa operação para aquela frente de batalha:

Os desembarques do dia D foram muito significativos, porque foi o momento em que as forças aliadas voltaram para o continente, ganharam posição e depois esmagaram os exércitos alemães e, ao final da campanha da Normandia, eles conseguem se espalhar rapidamente pela França e pelos Países Baixos (3min).

A entrada na Europa, aberta através das ações do dia D, permitiu que as tropas aliadas se deslocassem pelo continente, o que as possibilitou traçar novos planos, proteger e recuperar pontos estratégicos. Um desses pontos seria o porto de Antuérpia, na Bélgica, que possuía uma importância geográfica vital, algo enfatizado pelo professor Sönke Neitzel, quando da sua participação em meio às cenas:

Em dezembro de 1944, o principal porto de abastecimento dos Aliados era a Antuérpia. A Antuérpia é um dos maiores portos da Europa, era o local para abastecer as tropas aliadas para a próxima incursão no Reich, porque ficava logo atrás da linha de frente. A ideia de Hitler era a de retomar a Antuérpia e, se os aliados do Ocidente recebessem esse grande golpe, isso lhe daria alívio para se concentrar no front oriental (06min).

As batalhas no território belga foram extremamente violentas, as defesas aliadas e o poder de fogo maciço alemão, que buscava a todo custo romper as linhas defensivas para ter acesso e assumir o controle sobre os pontos estratégicos, determinavam que uma derrota custaria caro para ambos os lados. Batalhas, como a de Bastogne, custaram milhares de vidas aliadas, mas culminou em um triunfo importante para as tropas do exército aliado, barrando o avanço nazista no território e rompendo o cerco das tropas de Hitler na cidade.

É habitual muitas produções audiovisuais do Ocidente retratarem em suas cenas as grandes atrocidades cometidas pelos nazistas no decorrer da Segunda Guerra Mundial. A produção do documentário, entretanto, acaba mostrando em seu oitavo episódio que as tropas aliadas também protagonizaram momentos de extrema crueldade contra a população civil alemã.

O ápice dessas agressões ocorreu durante o bombardeamento da cidade histórica de Dresden, zona urbana bastante populosa e que possuía um estimável

valor cultural para os alemães. Por meio do depoimento da Dra. Tami Davis Biddle, autora da obra “Rhetoric and reality in air warfare”, é possível compreender o que Dresden representava para a cultura alemã:

Ela era chamada de Florença de Elba, era uma cidade que muitos ocidentais adoravam visitar no período entre guerras. Tinha arquitetura requintada, muita arte. Então, era uma cidade profundamente apreciada pelas classes cultas educadas (26min).

O Documentário consegue apresentar imagens das intensas chamas fortificadas pelas rajadas de vento que incendiavam a cidade, enquanto os seus habitantes agonizavam, em meio à destruição, na tentativa de encontrar parentes ou sobreviventes. Os bombardeios empreendidos por parte da aviação britânica passou a ser alvo de críticas do próprio primeiro ministro Winston Churchill, que se destaca como um dos mais desapontados com a atuação dos bombardeiros após as notícias sobre os ataques e a morte de milhares de civis inocentes aparecerem nas manchetes da imprensa ocidental.

As atrocidades e crimes cometidos pelos nazistas, entretanto, parecem ser ainda mais incômodos, a descoberta dos primeiros campos de concentração em território europeu representou um verdadeiro choque para as nações aliadas. O documentário e várias outras produções audiovisuais buscam transmitir imagens totalmente impactantes de prisioneiros mortos, com aparência esquelética. O ódio contra os judeus, ciganos, opositores políticos e entre outros grupos sociais, e as medidas iniciadas por Hitler são demonstrados através das imagens e dos depoimentos de especialistas como Rikola-Gunnar Lüttgenau, diretor da fundação memorial Buchenwald, que explica as finalidades dos campos de concentração:

Os campos de concentração eram um instrumento não apenas para prender adversários políticos, mas também para aterrorizá-los e intimidá-los. Essa foi uma função vital dos primeiros campos de concentração contra os adversários políticos, mantê-los quietos (10min).

A política de erradicação judaica ocorreu de um modo industrial, assassinatos em larga escala, vandalismos em sinagogas e em lojas dirigidas por judeus, prisão em guetos superlotados e com poucos suprimentos, trabalhos forçados, uso de venenos químicos e campanhas de eliminação de pessoas que possuíssem

qualquer tipo de deficiência demonstram um dos lados mais sombrios da história mundial, descortinada nos anos finais do conflito.

O próprio fim da Segunda Guerra Mundial também ocorreu de um modo brutal para as populações civis japonesas, descritas pelos americanos de modo extremamente racista. O Ocidente buscou disseminar a ideia da desumanização dos japoneses, descrevendo-os como “asiáticos enganadores, maus, estrangeiros”, indivíduos que não possuíam qualquer código de ética e que maltratavam a sua própria população.

A partir do armamento nuclear, os Estados Unidos realizaram os ataques finais da Segunda Guerra, bombardeando Hiroshima e Nagasaki, que são praticamente destruídas pelo poder avassalador das bombas atômicas. O prolongado sofrimento dos civis e dos militares que estiveram presentes nesse conflito, os depoimentos, as imagens e as narrativas disseminadas pelo cinema apresentam parte das ideias e dos acontecimentos característicos da Segunda Guerra Mundial. É por meio dos recursos imagéticos que as ideias referentes a tais acontecimentos, bem como o modo como essas ideias são esquematizadas, que os telespectadores passam a formar as suas opiniões a respeito do que teria ocorrido em um evento da magnitude da Segunda Guerra Mundial.

4.2 O Cinema e a escrita da história

As produções cinematográficas, como já enfatizado anteriormente, podem ser utilizadas como ferramentas de pesquisa, fontes históricas que permitem ao historiador realizar o seu ofício. Os recursos audiovisuais, assim como qualquer outra fonte de pesquisa, devem ser observados de maneira criteriosa, de modo que o historiador transmita a comunidade um conhecimento científico bem-estruturado, com uma metodologia sólida e fundamentado por um apurado senso crítico de análise.

O cinema tem a capacidade de fabricar uma “realidade” por meio das cenas e das narrativas que compõem a sua produção. Todo cineasta, diretor ou produtor trabalha guiado por meio de ideais e intensões próprias, que são estampadas nos contextos, eventos, personagens e ambientações que são produzidos em seus filmes e documentários. Nesse sentido exaltam-se alguns atributos e ocultam-se outros, dá-se destaque a determinados acontecimentos enquanto outros são

encortinados, mesmo em produções que se baseiam em fatos históricos, tais seleções e fabricações continuam se apresentando:

Um filme pode apresentar em seus lapsos ou deixar escapar informações que seriam omitidas. Ele também vai além daquilo que o cineasta quer mostrar. Uma forma de investigar o que está implícito nos filmes seria realizar leituras históricas e sociais, conhecer a sua estética e compreender como opera a sua linguagem cinematográfica (Aguiar, 2021, p. 459).

Os filmes acabam, portanto, produzindo o que seria entendido por muitos como uma “verdade” a respeito de acontecimentos referentes a eventos históricos. É necessário fazer uma análise e uma leitura mais apurada das imagens e das narrativas que são construídas, as cenas e os recursos imagéticos utilizados como um ímã, capaz de prender a atenção dos telespectadores, devem ser contextualizados e discutidos por meio de uma análise minuciosa. Dentro desse ideal, o historiador parece assumir um compromisso inevitável com a sua vocação, que seria a árdua tarefa de checar as fontes e produzir um conhecimento que entre em contraposição com aquilo que não é revelado, ou que está por trás das câmeras:

As produções com temáticas fixadas em torno de temas históricos resultam de determinadas leituras, olhares sobre o passado, que trazem esse passado e o torna presente, a partir de escolhas presentes sobre o passado que se quer representar (Aguiar, 2021, p. 457).

A citação acima reforça a ideia de que toda produção, que visa um público-telespectador, realiza uma seleção ideológica do que será produzido para o consumo. Desse modo, os grupos políticos, religiosos e culturais transmitem imagens e produções que tragam um reforço positivo a respeito das suas visões de mundo, utilizando também dos mesmos mecanismos para combater e fabricar ideias negativas a respeito de questões que não dialogam com os seus valores:

Apesar de seu caráter individual centrado no cineasta, um filme é sempre produto de um trabalho coletivo que envolve diferentes agentes sociais, com diversas funções. Com efeito, não está isento de sentido político-ideológico (Aguiar, 2021, p. 457).

Cada produção, portanto, não está livre de apresentar ideias e características próprias de quem as produziu. Ao longo da história, os recursos imagéticos e audiovisuais foram utilizados como ferramentas de legitimação e manutenção de

poder, capazes de reforçar eventos grandiosos e acontecimentos que exaltam uma nação, ao mesmo tempo em que foram utilizados como uma arma para atacar os opositores e adversários por meio de imagens e argumentos:

O filme constrói significados e identidades no mundo social, apresentando imaginários, visões de mundo, padrões culturais, comportamentos, hierarquias sociais, relações de força e poder, além de outros aspectos da época em que é produzido (Aguiar, 2021, p. 445).

As produções fílmicas ou os próprios documentários, mesmo que trabalhem com imagens ou personagens fictícios com a intenção de representar um contexto específico, podem colaborar para a fabricação das características desse período. A ambientação, os figurinos, a linguagem na qual as narrativas são construídas oferecem ao telespectador informações sobre determinada época, bem como oferecem informações sobre os padrões de comportamento das classes sociais e das instituições do período retratado pelas câmeras e demais recursos cinematográficos.

Ao verificar os acontecimentos e os eventos que são destacados pelo documentário “Grandes momentos da Segunda Guerra Mundial em cores”, já é possível traçar um panorama segundo o qual alguns eventos serão privilegiados enquanto outros ficarão ocultados das cenas e das narrativas de produção. Ao analisar cada episódio do documentário, é possível identificar que os principais eventos, os ditos como mais marcantes e importantes, estão associados ao desempenho das grandes potências ocidentais no decorrer da Segunda Guerra Mundial, as atuações britânicas e norte-americanas. Os episódios são focados nos renomados personagens do ocidente, tendo como principais expoentes Winston Churchill, primeiro ministro inglês, Dwight D. Eisenhower, comandante supremo das forças aliadas, que viria posteriormente a se tornar um dos presidentes dos Estados Unidos. Também são apresentadas as principais batalhas como Pearl Harbor e o cerco de Stalingrado e muitos outros acontecimentos que alavancaram o poder e a soberania aliada.

A atuação de países emergentes, ao longo do conflito, passa de modo praticamente despercebido, a atuação brasileira na tomada de Monte Castelo, importante conquista na batalha do Mediterrâneo, as batalhas da África, os conflitos

ocorridos no norte europeu, os confrontos internos e a própria situação dos civis dos países conquistados pelos nazistas não contam com uma descrição mais detalhada.

Dentro dessa perspectiva, o historiador assume um compromisso e um papel central nas construções dessas narrativas, averiguando as fontes que reforçam ou que desmentem os ideários que podem ser construídos por meio dos recursos imagéticos.

Ao analisar eventos como a invasão da Polônia, um dos principais marcos iniciais da Segunda Guerra Mundial, o cineasta apresenta imagens dos bombardeios, as chamas e a artilharia alemã consumindo os campos e as cidades polonesas. Tais imagens podem reforçar uma rápida vitória e uma invasão bem-sucedida sem maiores resistências. As imagens, entretanto, não conseguem descrever boa parte das atrocidades e das situações vivenciadas pelas populações dos países ocupados, aqueles que não estão inseridos no campo de batalha para defender o seu país contra as ofensivas de invasão dos seus inimigos.

Historiadores, como o britânico Martin Gilbert, conseguem por meio de sua escrita revelar acontecimentos que, em boa parte das vezes, são omitidos pelo cinema e pelas câmeras:

Aldeias inteiras foram incendiadas e reduzidas a pó. Em Truskolasy, em 3 de setembro, 55 camponeses poloneses foram cercados e abatidos a tiro, incluindo uma criança de dois anos. Em Wieruszow, vinte judeus foram reunidos na praça do mercado, entre os quais Israel Lewi, um homem de 64 anos. Quando sua filha, Liebe Lewi, correu para junto do pai, um alemão mandou-a abrir a boca por demonstrar falta de respeito e disparou-lhe uma bala. Liebe Lewi caiu morta no chão. Os vinte judeus foram executados em seguida. Nas semanas que se seguiram, atrocidades semelhantes eram vulgares e frequentes, praticadas numa escala sem precedentes. Enquanto soldados lutavam em batalhas civis eram massacrados (Gilbert, 2019, p. 11).

Enquanto os filmes e as demais produções audiovisuais referentes à Segunda Guerra Mundial dão grande ênfase às atuações militares e aos eventos renomados, exaltando as superpotências e os grandes personagens, o historiador é capaz de penetrar nos acontecimentos e nas situações mais recônditas. O historiador revela, portanto, cenários e personagens que ficariam totalmente esquecidos se dependesse apenas do uso das imagens. Reforça-se, assim, o papel do historiador na construção das narrativas e das ideias que podem ser inseridas no ideário e na memória popular, no que diz respeito às informações e aos fatos presentes nos eventos que ocorreram ao longo da História.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto pela presente pesquisa, é possível perceber que a metodologia de análise das fontes utilizadas no trabalho consegue trazer um panorama histórico dos eventos e das participações que ocorreram no contexto da Segunda Guerra Mundial, contribuindo, desse modo, para um conhecimento acessível referente ao tema em questão.

Assim, dentro das dimensões de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a presente pesquisa buscou promover diálogos entre variados tipos de fontes históricas, que permitem ao historiador elaborar as suas discussões e problemáticas sobre a Segunda Guerra Mundial, reforçando como o uso da imagem e das narrativas cinematográficas tem a capacidade de representar determinadas ideias e características dos fenômenos ocorridos no passado.

Diante da pesquisa, torna-se possível visualizar os recursos imagéticos como materiais que, em diálogo com as fontes escritas, podem preencher algumas lacunas, reforçando ou contrariando ideias fabricadas pelo uso das imagens como ferramenta de produção histórica.

A pesquisa auxiliada pelo uso de produções cinematográficas ou documentários permite ao pesquisador identificar discursos e visões de mundo que devem ser analisadas de modo crítico, de modo que as telas da indústria visual possam ser utilizadas como aliadas na propagação de conhecimentos sólidos a respeito do passado. Desse modo, o trabalho reforça que mesmo produções preocupadas em fugir da ficção devem, ainda, passar pela pesquisa historiográfica realizada por profissionais de ofício capacitados, que utilizaram de tais ferramentas na construção e renovação das pesquisas históricas.

O presente trabalho se esforçou para agregar elementos de discussões teóricas e metodológicas por meio de recursos menos tradicionais e de fácil acessibilidade, que podem ser utilizados como ferramentas eficazes de trabalho, abrindo um novo leque de possibilidades, discussões e problemáticas que podem ser produzidas a partir da combinação entre o cinema e a historiografia, renovando estudos sobre os mais variados fatos e eventos da nossa História.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Antônio Barros de. As relações da História com o Cinema: envolvente e promissor campo dos estudos históricos. **Temporalidades**, v. 13, p. 454-472, 2021.
- ANDRADE ARRUDA, José Jobson de. **História moderna e contemporânea**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1980.
- BAND of brothers. Disponível em: <https://www.wga.org/writers-room/101-best-lists/101-best-written-tv-series/band-of-brothers>. Acesso em: 10 jul. 2023
- BAND of brothers. Direção de Tom Hanks *et al*: Netflix Brasil, 2001. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/70308702?s=a&trkid=13747225&trg=cp&vlang=pt&clip=81710027>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- BARONE, João. **1942: o Brasil e a sua guerra quase desconhecida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- SANTOS BONET, Fernanda dos. **Autoritarismo e nacionalismo: o discurso oficial sobre o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, através das páginas da revista "Cultura política"**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3766?locale=en#preview>. Acesso em 21 ago. 2023.
- COGGIOLA, Osvaldo L. A. **A Segunda Guerra Mundial: causas, estrutura, consequências**. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.
- FARIA, D. P.; ROESLER, R.; ELIAS, A. S. **A Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a Formação da Força Expedicionária Brasileira**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Militares) Academia Militar das Agulhas Negras.
- FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GILBERT, Martim. **A segunda guerra mundial: os contornos da guerra**. Tradução de Ana Luísa Faria, Miguel Serras Pereira. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2019.
- GONDIM, Zaíra Carla Alves. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: a atuação da FEB**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2004. Disponível em: <http://www.edufrn.ufrn.br/bitstream/123456789/369/1/O%20BRASIL%20E%20A%20SEGUNDA%20GUERRA%20MUNDIAL-A%20ATUA%20C%3%87%20C%3%83O%20DA%20FEB.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2023.

GRANDES momentos da Segunda Guerra em cores. Direção de Nicky Bolster *et al*: Netflix Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80989924?s=a&trkid=13747225&trg=cp&vlang=pt&clip=81175662>. Acesso em: 15 jun. 2023.

HENRIQUES NETO, A. A cobra fumou na Itália: os alicerces do cotidiano dos pracinhas brasileiros no front. **CES Revista**, v. 23, p. 89- 102, 2009.

NETO, Anysio Henriques. **A Segunda Guerra Mundial**: o cotidiano dos pracinhas brasileiros no front. Artigo apresentado ao Centro de Pesquisas Estratégicas da Universidade Federal de Juiz de Fora, JF, 2008.

HERÓIS - o Brasil na segunda guerra mundial. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (28min). Publicado pelo canal Israel Alves. Disponível em: <https://youtu.be/O3ISbdEOuns?si=EA0vfo-QDmPnWg9n>. Acesso em: 20 jun. 2023.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX. Tradução de Marco Santarrita. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

MATTA, João Paulo Rodrigues. Marcos históricos da indústria cinematográfica: hegemonia norte-americana e convergência audiovisual. **Recôncavos**, v. 3, p. 66-78, 2009.

NOGUEIRA, Luís. Manuais de. **Cinema II**: géneros cinematográficos. Covilhã (Portugal): Livros LabCom, 2010.

PORTO, Rayssa; SILVA, Mirthis. Tratado de Versalhes: sanções para a paz? *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS, 2.; SEMINÁRIO FLUMINENSE DE PÓS-GRADUANDO EM HISTÓRIA, 6.; JORNADA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DASAÚDE, 5., 2019, [s.l.]. **Anais [...]**, 2019. Disponível em: https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1570572708_ARQUIVO_35278e3dd24756a6c85c9331993c1d65.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. Documentário Moderno *In*: MASCARELLO, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 253-287.

RODRIGUES, F. S.; TEIXEIRA JUNIOR, A. W. M.; SILVA, P. F. da. Organização, preparação e atuação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. **Análise Estratégica**, v. 12, p. 1-14, 2019.

SCHVARZMAN, Sheila. Marc Ferro: cinema, história e cinejornais: Histoire Parallèle e a emergência do discurso do out. **Artcultura** (UFU), v. 15, p. 187-203, 2013.

SILVA, Priscila Aquino. Cinema e história: o imaginário norte americano através de Hollywood. **Cantareira** (UFF), v. 5, p. 1, 2003

ANEXOS

FICHAS TÉCNICAS

Disponíveis em: <https://filmow.com/>

Título Heróis - O Brasil na Segunda Guerra Mundial (Original)

Ano produção: 2011

Dirigido por: Guto Aeraphe

Estreia: 19 de Julho de 2011 (Brasil)

Duração: 35 minutos

Classificação

Gênero: Ação, Biografia, Guerra Nacional

Países de Origem: Brasil

Ficha técnica completa

Título Band of Brothers (Original)

Ano produção: 2001

Dirigido por: David Frankel David Leland (I) David Nutter (I) Mikael Salomon Phil Alden Robinson Richard Loncraine Tom Hanks Tony To

Estreia: 9 de Setembro de 2001 (Mundial)

Duração: 705 minutos

Classificação: 16 - Não recomendado para menores de 16 anos

Gênero: Ação Aventura Drama Guerra

Países de Origem: Estados Unidos da América

Ficha técnica completa

Título: Greatest Events of WWII in HD Colour (Original)

Ano produção: 2019

Dirigido por: Ailsa Fereday Joshua Whitehead Kasia Uscinska Katie Boxer Nicky Bolster Sam Taplin

Estreia: 8 de Novembro de 2019 (Brasil)

Duração: 504 minutos

Classificação: 14 - Não recomendado para menores de 14 anos

Gênero: Documentário, Guerra, História

Países de Origem: Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte